

Universidade Federal de Uberlândia  
Curso de Pedagogia a Distância

# **Projeto Integrado de Prática Educativa I**

*Vilma Campos dos Santos Leite*

**Segunda Edição**  
Revista e Atualizada

# **Projeto Integrado de Prática Educativa I**

**LEITE, Vilma Campos dos Santos. Projeto Integrado de Prática Educativa I. Coleção Pedagogia a Distância UFU/ UAB. Uberlândia- MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2011, 62p.**

## Reitor

Valder Steffen Júnior

## Coordenador UAB/CEAD/UFU

Maria Teresa Menezes Freitas

## Conselho Editorial

Aléxia Pádua Franco - UFU

Carlos Rinaldi - UFMT

Carmen Lucia Brancaglioni Passos - UFScar

Célia Zorzo Barcelos - UFU

Diva Souza Silva - UFU

Eucídio Arruda Pimenta - UFMG

Ivete Martins Pinto - FURG

João Frederico Costa Azevedo Meyer - UNICAMP

Maria Irene Miranda - UFU

Marisa Pinheiro Mourão - UFU

## Edição

Centro de Educação a Distância

Comissão Editorial - CEAD/UFU

## Diagramação

Equipe CEAD/UFU

PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
Michel Miguel Elias Temer

MINISTRO DA EDUCAÇÃO  
José Mendonça Bezerra Filho

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/CAPES  
Carlos Cezar Modernel Lenuzza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU  
REITOR  
Valder Steffen Júnior

VICE-REITOR  
Orlando César Mantese

CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
DIRETORA E REPRESENTANTE UAB/UFU  
Maria Teresa Menezes Freitas

SUPLENTE UAB/UFU  
Aléxia Pádua Franco

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED - UFU  
DIRETORA  
Mara Rúbia Alves Marques

COORDENADOR  
Rafael Duarte Oliveira Venâncio

CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA  
COORDENADORA GERAL  
Maria Irene Miranda

EQUIPE DO CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFU - CEaD/UFU

ASSESSORA DA DIRETORIA

Sarah Mendonça de Araújo

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Alberto Dumont Alves Oliveira

Darcius Ferreira Lisboa Oliveira

Dirceu Nogueira de Sales Duarte Júnior

Gustavo Bruno do Vale

Leonor Teixeira Dias

Otaviano Ferreira Guimarães

REVISORA

Carina Diniz Nascimento

ESTAGIÁRIOS

Gabrieli Mazzola

Lívia de Souza Blondin

Ludmila Cruz Rezende Senna e Silva

Maria Gabriela Vieira Alves

Marília Regina Ribeiro de Melo

Matheus Martins Ananias Xavier

Raquel Pereira de Lima

Webert Silva de Paula

# SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b>	<b>5</b>
<b>FIGURAS</b>	<b>7</b>
<b>INFORMAÇÕES</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>AGENDA</b>	<b>10</b>
<b>MÓDULO 1</b>	<b>11</b>
<i>Universidade e Pesquisa</i>	
<b>1.1. Localização do termo Universidade</b>	<b>11</b>
<b>1.2. Breve viagem ao tempo</b>	<b>14</b>
<b>1.2.1. Fonte</b>	<b>14</b>
<b>1.2.2. Destaque numa cronologia</b>	<b>15</b>
<b>1.2.3. Do mais ao menos “universal”</b>	<b>16</b>
<b>1.2.4. O caso Brasileiro</b>	<b>17</b>
<b>1.3. CONVITE À VIAGEM – “Navegar é preciso!”</b>	<b>18</b>
<b>MÓDULO 2</b>	<b>23</b>
<i>Unidade 1: Leitura e Análise de Textos</i>	
<b>2.1. Leituras de livro e de mundo</b>	<b>23</b>
<b>2.2. O ato de ler</b>	<b>25</b>
<b>2.3. Leitura na Universidade</b>	<b>27</b>
<b>2.4. A análise de um texto</b>	<b>28</b>
<b>2.5. CONVITE À VIAGEM: LEITURAS EM BANCOS DIGITAIS</b>	<b>30</b>

# SUMÁRIO

<i>Unidade 2: Instrumentos de Estudo</i>	
<b>3.1. Resumo e Esquema</b>	<b>34</b>
<b>3.2. Fichamento</b>	<b>35</b>
<b>3.2.2. Formas de fichamento</b>	<b>36</b>
<b>3.3. Plano de Estudos</b>	<b>37</b>
<b>3.4. Seminários</b>	<b>37</b>
<b>3.5. CONVITE DE VIAGEM : Mergulho ao Estudo</b>	<b>38</b>
<b>MÓDULO 3</b>	<b>39</b>
<i>Unidade 1: Conhecimento e Conhecimento Científico</i>	
<b>4.1. Conhecimento e Reflexão</b>	<b>39</b>
<b>4.2. O advento do conhecimento científico</b>	<b>41</b>
<b>4.3. Convite à viagem: PARAGEM POR UM PORTO QUESTIONAVELMENTE SEGURO - A LITERATURA</b>	<b>42</b>
<i>Unidade 2: As Modalidades do Trabalho Científico</i>	
<b>5.1. Resenhas</b>	<b>46</b>
<b>5.2. Sinopses e Resumos</b>	<b>47</b>
<b>5.3. Relatórios e Relatos de experiência</b>	<b>47</b>
<b>5.4. Artigo científico / comunicação científica / Paper</b>	<b>47</b>
<b>5.5. O Ensaio Teórico</b>	<b>48</b>
<b>5.6. A MONOGRAFIA</b>	<b>48</b>
<b>5.7. Convite à viagem: Para Pensar</b>	<b>48</b>
<b>MÓDULO 4</b>	<b>49</b>
<b>6.1. EM CENA, A MONOGRAFIA</b>	<b>50</b>
<b>6.2. REDAÇÃO</b>	<b>52</b>
<b>6.3. NORMAS TÉCNICAS</b>	<b>52</b>
<b>6.3.1. As citações e as referências</b>	<b>53</b>
<b>6.3.2. Notas de rodapé</b>	<b>54</b>
<b>6.3.3. A apresentação</b>	<b>54</b>
<b>6.4. Complementação de dados</b>	<b>54</b>
<b>6.5. Convite à viagem: Isso me lembra uma história</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>59</b>

<i>Figura 1 - Navio</i>	11
<i>Figura 2 - A menina e o peixe</i>	12
<i>Figura 3 - Torre dell'orologio del Comune di San Casciano V.P.</i>	14
<i>Figura 4 - Caravela Vera Cruz no rio Tejo – Lopo Pizarro – abril 2006</i>	18
<i>Figura 5 - Globo</i>	23
<i>Figura 6 - José Ferraz de Almeida Jr (Brasil,1850-1899) Moça com livro, 1879, MASP</i>	25
<i>Figura 7 - Interior do Real Gabinete Português de Leitura in Rio de Janeiro, Brasil – uwephilly,</i>	33
<i>Figura 8 - Port Bell- Barcelona - Espanha</i>	38
<i>Figura 9 - Menina lendo, escultura. Barcelona - Espanha</i>	39
<i>Figura 10 - Viagem entre as Berlengas e Peniche - Hugo Cadavez – agosto 2008</i>	42
<i>Figura 11 - Céu de Uberlândia.</i>	45
<i>Figura 12 - Missão Apolo 11, 1969.</i>	45
<i>Figura 13 - Carta ao professor</i>	48
<i>Figura 14 - Pássaro</i>	49

# INFORMAÇÕES

Prezado aluno,

Ao longo deste guia impresso você encontrará alguns “ícones” que lhe ajudará a identificar as atividades. Fiquem atentos ao significado de cada um deles, isso facilitará a sua leitura e seus estudos.



Áudio



Vídeo



Leituras  
Indicadas



Multimídia



Atividades  
Guia Impresso



Atividades  
Ambiente Virtual



Saiba Mais



Pare e Pense



Pesquisando  
na rede

Você usará, também, o espaço ao lado de cada página para fazer suas anotações.

Sublinhamos alguns termos no texto do Guia cujos sentidos serão importantes para sua compreensão. Para permitir sua iniciativa e pesquisa não criamos glossário, mas se houver dificuldade interaja no Fórum de Dúvidas.



# INTRODUÇÃO

**P**rezado Aluno:

Iniciamos a disciplina Projeto Integrado de Prática Educativa 1 (PIPE 1) com muita vontade de que você construa elementos para consolidar ainda mais a sua escolha pelo curso de Pedagogia.

A disciplina PIPE tem como objetivo introduzir o aluno à prática pedagógica, por meio de estudos sobre o que é a Universidade e o tipo de produção que lhe é peculiar, como uma percepção de que esse modo de vida é um, dentre os formatos materializados que os seres humanos encontraram para compartilhar os conhecimentos adquiridos.

Além disso, conforme você verá ao longo dos dois primeiros anos do curso, o PIPE tem como objetivo discutir a produção científica na universidade, as formas de leitura, elaboração de roteiros de pesquisa e prática pedagógica, maneiras de interpretar o ambiente escolar.

Teremos um grande foco na prática educativa, entretanto, para que você possa ir à escola para coletar dados, é fundamental que antes você aprenda: como elaborar instrumentos para esta coleta, como interpretá-los, como compreender o papel do PIPE na formação universitária e em sua formação docente e, o mais importante, como construir a sua autonomia acadêmica e profissional, de maneira a prepará-lo para um mundo permeado por intensas mudanças.

As formas aqui apresentadas não são como um legado petrificado no passado, mas como busca de dinamizá-las no próprio presente. O convite, por meio do papel de estudantes e profissionais da educação em formação, é o de participar em uma genealogia e quiçá, deixar nossos vestígios dos conhecimentos adquiridos para os que virão depois de nós.

Está preparada (ou preparado) para iniciar essa nossa viagem? O cinto de segurança é aqui, a sua disponibilidade para trocar conhecimentos com outros autores da chamada comunidade acadêmica, durante nosso percurso. Preparei uma lista de nossos objetivos para esta viagem:

Desenvolver autonomia intelectual, atitude acadêmica e científica.

Desenvolver habilidades de estudos, de pesquisa e de produção de conhecimentos.

Desenvolver o processo de iniciação científica, tendo a educação como objeto de estudos.

Desenvolver estudos e leituras analíticas e elaborar fichamentos, resumos, resenhas, dentre outros.

Elaborar e vivenciar experiências, utilizando metodologias e procedimentos de apresentação e de divulgação dos conhecimentos produzidos e adquiridos.

Seja muito bem vindo!

## AGENDA

SEMANA	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
1	<p><b>Atividade 1</b> – Vídeo aula</p> <p><b>Atividade 2</b> – Leitura do Guia Impresso</p> <p><b>Atividade 3</b> – Leitura Complementar: A Universidade no Brasil</p> <p>Atividade 5 – Fórum de debates: Ensino , Pesquisa e Extensão</p>	<p><b>Atividade 4</b> – Ensino, pesquisa e Extensão</p> <p>Valor: <b>10 pontos</b></p>
2	<p><b>Atividade 6</b> – Vídeo aula</p> <p><b>Atividade 7</b> – Guia Impresso</p> <p><b>Atividade 8</b> – Vídeo técnico – Fichamento e citações.</p> <p><b>Atividade 9</b> - Fórum: O método científico fácil de entender</p>	<p><b>Atividade 10</b> – Escolha de um texto para fichamento</p> <p>Valor: <b>10 pontos</b></p>
3	<p><b>Atividade 11</b> – Vídeo aula</p> <p><b>Atividade 12</b> – Guia Impresso</p> <p><b>Atividade 14</b> – Leitura complementar</p>	<p><b>Atividade 13</b> – Trabalho de campo: visita a uma biblioteca</p> <p>Valor: <b>10 pontos</b></p>
4	<p><b>Atividade 15</b> – Vídeo aula</p> <p><b>Atividade 16</b> – Guia Impresso</p>	<p><b>Atividade 17</b> - Glossário</p> <p>Valor: <b>10 pontos</b></p>

### Universidade e Pesquisa



Navegar é preciso...

Figura 1 - Navio

Fonte: <http://bancoimagenes.isftic.mepsyd.es/>

#### 1.1. Localização do termo Universidade

**P**ara iniciar a conversa sobre o tema desse módulo, proponho verificar o conceito de Universidade no dicionário. Um verbete, apesar de não abarcar toda a complexidade envolvida em um termo como esse, lança luzes, não desprezíveis, como ponto de partida, coerentemente com a proposta do curso de Pedagogia de contribuir com a formação de um profissional crítico.

No Aurélio, entre os sentidos você vai encontrar, aquele que indica ser função importante da Universidade a de “garantir a conservação e o progresso nos diversos ramos do conhecimento, pelo ensino e pela pesquisa”. Ao tentar apreender dessa afirmação uma resposta, poder-se-ia dizer – de uma maneira talvez apressada e ligeira, que a ação de garantir a conservação e ao mesmo tempo progredir pode parecer contraditória, uma vez que a conservação tem a aparência de uma repetição tal qual outros fizeram, e que o progresso implique, possivelmente, uma ruptura com o que vem sendo veiculado no decorrer das gerações.

Uma conservação está além de uma repetição mecânica. Na vida cotidiana, o homem teria que redescobrir incessantemente cada aspecto conquistado se nada conservasse do que aprendeu. Seríamos como recém nascidos, ano após ano e a complicação para realizar ações corriqueiras tomaria quase todo o nosso presente. Assim, a conservação do conhecimento é bem vinda e útil.

Claro que há muitas espécies de conhecimento (como será apontado no módulo 4), mas no que concerne ao conhecimento compatível com a Universidade, também há lugar para conservação, desde que

essa não seja utilizada como acomodação exclusiva.

Para lembrar Paulo Freire, acomodar-se em tal postura facilmente levaria à dimensão bancária de ensino. Na Universidade e para além dela, é viável garantir espaço à conservação, desde que tal opção não anule outras habilidades que também são inerentes ao ser humano, como a curiosidade. Dito de outra forma, o ser humano, universitário ou não, poderá usufruir dos benefícios da conservação, desde que a postura diante do mundo não seja como algo “dado” e “pronto”, pois como veremos na construção do conhecimento – o homem é “sujeito” e não “objeto”.

A historieta a seguir, que talvez muitos conheçam, serve aqui para “esquentar os nossos motores”, visto que é um bom exemplo de como a conservação pode ser levada adiante, perdendo um elo com o contexto ou significado de origem.

*Certo dia, uma menina observava a mãe na lida de fritar um peixe. E perguntou, então, a pequena aprendiz de cozinheira: Por que a senhora, sempre que frita o peixe, corta o rabo do peixe?*

— *Filha, eu corto o rabo do peixe porque aprendi com a minha mãe.*



*Depois do almoço, a menina curiosa atravessou o quintal e foi comer sobremesa na casa da nona.*

— *Vovó, perguntei para mamãe e agora pergunto para a senhora: por que a senhora frita o peixe, sempre que corta o rabo do peixe?*

*sempre que corta o rabo do*

*Figura 2 - A menina e o peixe*  
Fonte: <http://bancoimagenes.isftic.mepsyd.es/>

*A nona interrompeu o tricô, baixou os óculos até a ponta do nariz e respondeu: Eu corto o rabo do peixe porque aprendi com a minha mãe!*

*A menina curiosa atravessou outro quintal, pulou um canteiro de margaridas, e foi perguntar para a bisavó: Bisa, por que a senhora sempre que frita o peixe, corta o rabo do peixe?*

*A bisavó ficou surpreendida com a pergunta, porque há muitos e muitos anos já não fritava um peixe. Mesmo assim, levantou o olhar como se buscasse lá longe a lembrança, e respondeu: — Eu cortava o rabo do peixe porque o rabo do peixe não cabia na frigideira.*



Esse vôo ligeiro, no decorrer do tempo, é um passo inicial para ajudá-lo no entendimento da pesquisa, ação privilegiada em uma universidade e para situar as expectativas de contribuições que se tem para com cada universitário que ingressa nessa genealogia.

In <http://zamoiski.blogspot.com/2008/09/rabo-de-peixe.html> acesso em 16/01/2010 às 21:25 h.

Essa concepção mais ativa de ensino não é exclusiva de um espaço como a Universidade, mas, nesse caso, sua ausência pode até descaracterizá-la enquanto instituição historicamente localizada. Teremos a oportunidade de fazer um breve sobrevôo no próximo item, para esse olhar mais localizado no tempo e também para perceber que como “conservação” está ligada ao “ensino”, no sentido dicionarizado; “progresso” está ligado “à pesquisa”.

Por ora, é possível adiantar que a pesquisa é uma atividade “sui generis” ou “por excelência” da Universidade. É em função dela que existe espaço para acolhida do ensino. Para se “pesquisar” um determinado conhecimento é necessário saber o estado em que ele se encontra, ou seja, “ensinar”.

Mas se a ação de se inteirar sobre o que já se sabe tem o intuito de não parar nesse lugar, de avançar, ou de progredir (para usar o termo encontrado no Aurélio) faz-se imprescindível que esse ensino aconteça da forma mais ativa possível e que se busque a autonomia do estudante.

Assim, não é mera coincidência que a palavra pesquisa tenha aparecido “à universidade” no sentido dicionarizado. Se você for consultar uma web Site de busca, como o Google e digitar como palavra chave “Universidade e Pesquisa”, vinculando a segunda palavra à primeira (reduzindo assim o universo do levantamento), encontrará, pelo menos, mais de 500 mil links vinculados à expressão.

Esse número guarda mais do que uma simples quantidade, entre elas a de que a relação entre pesquisa e universidade é muito cara. “Fazer pesquisa” está no próprio bojo do fazer universitário e funciona como potência geradora, agregando a própria atividade de ensino. É a partir da pesquisa que surgem as rupturas significativas, é quando um conhecimento novo ou diferenciado se materializa, tendo por base o entendimento do que já foi produzido anteriormente. Embora seja possível a descoberta casual, via de regra, é fruto de muito trabalho.

Assim, é possível concluir que a inovação não costuma se realizar por um simples conjunto de quebra de regras ou de convenções, sendo o papel da transmissão (ensino) fundamental para que a pesquisa possa acontecer.

A palavra “pesquisa” acompanhou você no semestre passado e vai ser reiterada muitas vezes no decorrer desse PIPE e também no próximo semestre. Não se preocupe se ainda não se sente “confortável” com esse termo, pouco a pouco, você poderá se apropriar da importância da pesquisa no seu sentido mais estreito, vinculado à prática universitária.

## 1.2. Breve viagem ao tempo

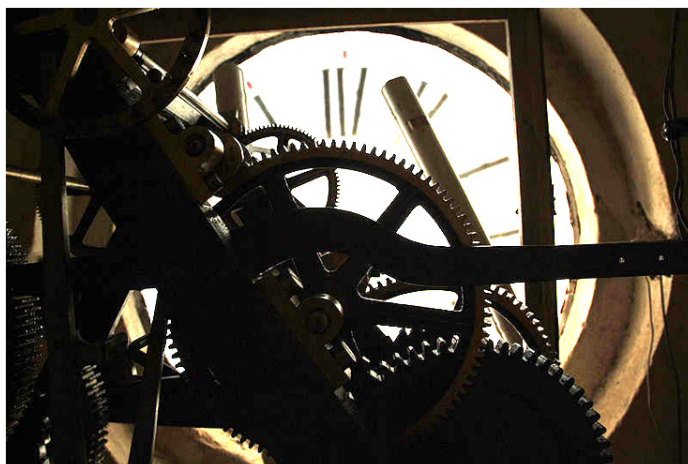


Figura 3 - Torre dell'orologio del Comune di San Casciano V.P. (Firenze-Italy)

### 1.2.1. Fonte

Muitos estudiosos se detiveram sobre o tema da Universidade, e talvez você já tenha tido em outras disciplinas informações, elaborações e reflexões a esse respeito. Os apontamentos (bem panorâmicos), a seguir, tiveram como fonte principalmente o livro *Fazer Universidade: Uma proposta metodológica*<sup>1</sup> e o capítulo “Universidade e Pesquisa” de *A monografia nos cursos de graduação*.<sup>2</sup>

São enunciados que funcionam como um rápido apanhado para situar a Universidade, historicamente, como instituição, particularmente é o momento em que a atmosfera de debate se instaura em seu estado de excelência e a localização da importância de sua inserção em seu tempo.

Tais informações não substituem a leitura na íntegra das publicações que foram usadas como fundamentos. Quero lembrá-los que esses e outros livros que estão na bibliografia de PIPE 2, são referenciais recomendáveis a você que pertence à comunidade universitária, como estudante de um curso de graduação em Pedagogia.

Como bem diz o ditado popular “cochilou, o cachimbo cai”. É preciso estar atento durante a atividade de “transmissão” para não perder localizações que são essenciais para determinadas compreensões, e que são pertinentes às atividades de ensino.

1 LUCHESI, C.; BARRETO, E.; COSMA, J.; BAPTISTA, N. *Fazer Universidade: Uma proposta metodológica*. São Paulo: Cortez Editora, 2005. p 30 e 43.

2 INÁCIO FILHO, Geraldo Inácio. *Universidade e Pesquisa in A monografia nos cursos de graduação*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 29 a 55.



### 1.2.2. Destaque numa cronologia

No ocidente, particularmente Grécia e Roma, já havia ‘escolas’ para a formação na área da medicina, do direito, da filosofia e da retórica, mas não eram instituições como as que conhecemos hoje, os estudantes, discípulos que se reuniam em torno de um mestre que fazia uma “escola.”

Mas somente no final da Idade Média ocorre o surgimento da instituição Universidade, desvinculada do ensino considerado elementar ou básico. A primeira universidade de Nápoles data do século XI. Até o ano de 1.400, presume-se que já existiam quase cinquenta universidades.

A discussão das idéias presentes até hoje em nosso meio acadêmico encontram sua gênese naquele momento, em que se cultivava o hábito do debate acerca do conhecimento a partir de um “magister” que expunha as suas idéias (hipóteses, teses), para que outros professores o interrogassem.

É paradoxal que tais discussões tenham aflorado em um período em que havia um controle rigoroso por parte da Igreja Católica que estava difundindo não só a sua concepção religiosa, mas a permanência do seu poder.

A formação universitária era unificada em uma espécie de “curriculum único.” As diferentes especialidades do conhecimento eram tratadas como *studia generalia* – estudos gerais. As distinções curriculares eram, para o nível primário, o ensino da gramática e no secundário da retórica (ainda como resquício do mundo antigo, cuja capacidade de oratória fora importante).

No estudo mais aprofundado ou “universitário”, a filosofia e os conhecimentos da fé ocupavam lugares de destaque. Ainda não podemos falar de uma configuração aproximada do trabalho científico da maneira como é concebido na atualidade. Mas algumas características que marcam a pesquisa acadêmica, hoje, encontram esteio na configuração daquele momento: como o rigor, a seriedade, a lógica de pensamento e a comprovação das hipóteses.

A forma de concepção do mundo se alterou a partir do século XVI com os movimentos da Renascença, Reforma e Contra Reforma, mas a universidade ali presente não acompanhou o período em que se assistiu a centralização do lugar do homem e junto dela houve uma explosão de descobertas que, até hoje, são referências em nossas vidas.

As instituições daquele período, de maneira generalizada, segundo Luckesi, ficaram em “uma atitude defensiva, de guarda das verdades já constituídas, definidas e definitivas, estáticas e restritivas, no sentido de não acrescentar aos valores do passado as numerosas descobertas que se faziam.”<sup>3</sup>

Claro que há outro lado muito interessante remanescente da “Idade Média” e do “Renascimento” muito pouco estudado, e que não pertence a um “tempo de trevas”, como as práticas do riso e daquilo que se convencionou chamar posteriormente de cultura popular para os quais os estudos de Bakhtin são esclarecedores<sup>4</sup>.

3 LUCKESI, obra citada p. 32.

4 Assunto oportunamente tratado em : Bakhtin, M. A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabalais. São Paulo: Hucitec, 1987.

Como essa não é a faceta que serve para a localização da institucionalização da universidade, destaco apenas o lado que os iluministas chamaram de “sombrio” na Idade Média, pois ainda tendo Luckesi como companhia, é possível encontrar paralelos entre esse momento vivido pela universidade do período limiar ao período moderno, com algumas tendências ainda visivelmente presentes nas instituições equivalentes do nosso terceiro milênio, ou seja, “o ensino autoritário, durante o qual o professor assume a postura de quem detém o critério de verdade, e o aluno simplesmente repete o professor e os livros de texto ou manuais; com arraigada dificuldade para o livre debate das idéias.”<sup>5</sup>

A Universidade inserida em seu tempo vai ter desenvolvimento no século XIX. Na Inglaterra, esses ventos sopram em 1860, período pós-revolução industrial. Já na França, é com Napoleão que, entre 1806 e 1808, implanta uma universidade laica e pública, não mais com uma visão humanista universal, mas preocupada com os impasses e descobertas de sua época.

A Universidade de Berlim de 1810, contudo, é considerada como um marco, justamente por ter antecedido a esse processo de industrialização na Alemanha, num entendimento de que a universidade pode se constituir num celeiro para o próprio desenvolvimento de uma nação.

### 1.2.3. Do mais ao menos “universal”

**D**e maneira intrigante, o conceito de “universal” que está no bojo da palavra Universidade, em sua origem no limiar da Idade Média, diluiu-se a partir do século XVI quando já temos o conhecimento chamado científico iniciado pelas investigações de Copérnico<sup>6</sup>, Bacon<sup>7</sup>, Galileu<sup>8</sup> e Descartes<sup>9</sup>.

Esse desenvolvimento que provoca uma diversificação do conhecimento humano traz com ele a fragmentação, fazendo cair por terra o conceito de “universal” que era a sustentação da “Universidade”, enquanto instituição medieval.

É claro que é um longo processo que não acontece de uma hora para outra, mas que vai se sedimentando tijolo por tijolo. Assim, se no século XVIII há uma crítica da forma como é construído o conhecimento com vestígios no medieval, é no século XIX, com o desenvolvimento da industrialização e com a universidade napoleônica, que se materializa uma institucionalização com um formato mais fragmentado. Tal estado vai se potencializar ainda mais a partir dos conhecimentos tecnológicos do século XX.

5 LUCKESI, obra citada, p. 32.

6 Copérnico - Polônia (1473-1543). Lança bases para a astronomia moderna ao demonstrar que a terra gira em torno do sol e não ao contrário como se julgava até então.

7 Bacon – Inglaterra (1561-1626) Considerado fundador da ciência moderna ao ocupar-se da metodologia como caminho necessário para a efetivação de uma pesquisa.

8 Galileu – Itália (1564-1642) Contribuiu para o advento do método científico.

9 Descartes – Suécia (1596-1650) Sua frase “Penso, logo existo” se tornou notória, trazendo o racionalismo para o campo das ciências humanas



É a partir dessa tendência que podemos entender a divisão da universidade atual, dividida em “escolas”, “institutos” ou “departamentos”, cada qual isolado, absorto em suas próprias problemáticas e descobertas.



Acesse o site da UFU e descubra como está organizada neste aspecto a nossa Universidade.



Nessa nova configuração, há escolas superiores, e cada uma delas se encontra isolada, absorva em suas próprias problemáticas e descobertas. A diversificação do conhecimento humano que hoje assistimos remonta há pelo menos quatro séculos. É lá, que já se aponta um gérmen da visão dicotômica dos saberes. Nessa nova configuração, cada área de conhecimento fica segregada. Não há uma diretriz única para o conhecimento.

#### 1.2.4. O caso Brasileiro

No Brasil, a Universidade demorou bastante a chegar. A elite nos primeiros séculos tinha como opção estudar em Portugal e mesmo em outros países da Europa, diferentemente de outras nações latinas. Na República Dominicana, Peru e México as universidades datam do XVI, seguidas no século seguinte pelos EUA, Colômbia, e Cuba<sup>10</sup>.

O Ensino Superior chegou entre nós bem tardiamente, no XIX junto com a família real, ainda com um sistema precário e moroso que se consolida por volta do limiar do século XX. Há que se ressaltar que muitas vezes se configura como um simples “ajuntamento” de faculdades. Além disso, as ditaduras, (Estado Novo e pós-64) são incompatíveis com a discussão de idéias que só encontram espaço real em regimes que estão sob o signo da liberdade.<sup>11</sup>

Destacam-se nessa trajetória brasileira do século XX, na primeira metade, Anísio Teixeira chamado por Luckesi de “profeta” e na segunda, Darcy Ribeiro que com um grupo de intelectuais funda a Universidade de Brasília.

Ao fazer o balanço da Universidade Brasileira, Anísio Teixeira afirma:

*“Além de preparar profissionais para as carreiras liberais e técnicas que exigem uma formação de nível superior, o que tem havido é uma preocupação muito fluída com a iniciação do estudante na vida intelectual. Daí poder-se afirmar que, ressaltando o aspecto habilitação profissional, a universidade brasileira não logrou constituir-se verdadeiramente como uma instituição de pesquisa e transmissora de uma cultura comum nacional, nem logrou se tornar um centro de consciência crítica e de pensamento criador.”<sup>12</sup>*

Já Darcy Ribeiro em seu livro *A universidade necessária* ressalta a falta de contribuição da universidade brasileira, o quão tem sido repetitiva na difusão do saber e carente de uma análise crítica.

Nesse painel amplo, fica inviável localizar e explicitar o advento de cada universidade brasileira e outros desdobramentos como as reformas universitárias porque isso fugiria ao propósito dessa disciplina, contudo, apesar de uma visão generalizada, é um alerta sobre o qual não podemos fazer vista grossa.

É bom reforçar que, ao se debruçar sobre o tema, poderá o estudante encontrar exemplos de resistências tanto no nível mais localizado em que há profissionais sérios (docentes, discentes e técnicos

10 RIBEIRO & GOMES apud INÁCIO FILHO, G. in A monografia nos cursos de graduação. Uberlândia:EDUFU, 2003. p. 36.

11 LUCKESI in obra citada. p. 35.

12 TEIXEIRA apud LUCKESI obra citada p. 35.

administrativos), quanto de Instituições comprometidas com a sua missão.

Esse apanhado, de certa forma, pode funcionar como uma saudável provocação para que você como estudante e, ao mesmo tempo, pedagogo em formação, possa se sentir encorajado a não só participar desse debate, mas a “agir”, para construirmos junto a universidade que consideramos ideal.

Lembre-se que temos insistido desde o PIPE 1 que a instituição é também as pessoas que a fazem, e não algo que está edificado e acabado. Eu própria preferiria chamar a Universidade de “organismo” e não de “instituição”, pois o primeiro termo traz logo a noção de algo vivo e que se move, deixando evidente que a acomodação é um perigo, já que podemos reproduzir a forma de um cozimento de um peixe que não condiz com os utensílios domésticos disponíveis como no exemplo do rabo do peixe.

### 1.3. CONVITE À VIAGEM – “Navegar é preciso!”



No item anterior, destaquei a importância de se localizar a Universidade no tempo. Nesse, destaco uma universidade em um lugar. Você conhece a Universidade Federal de Uberlândia, já que está vinculado a ela como estudante. Creio ser importante ter acesso ao histórico e à configuração de outras Universidades, numa espécie de viagem a outros lugares, a outras cidades de Minas, do Sudeste, do Brasil, da América do Sul e quem sabe do mundo.

Mas, antes de seguir “nessa viagem”, proponho uma leitura desse fragmento de Fernando Pessoa:

Figura 4 - Caravela Vera Cruz no rio Tejo – Lopo Pizarro – abril 2006

#### ***Navegar é preciso***

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:*

*“Navegar é preciso; viver não é preciso”.*

*Quero para mim o espírito [d]esta frase,  
transformada a forma para a casar como eu sou:*

*Viver não é necessário; o que é necessário é criar.  
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.*

*Só quero torná-la grande,  
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a  
(minha alma) a lenha desse fogo.*

*Só quero torná-la de toda a humanidade;  
ainda que para isso tenha de a perder como minha.  
Cada vez mais assim penso.*

*Cada vez mais ponho da essência anímica do meu  
sangue*

*o propósito impessoal de engrandecer a pátria e  
contribuir*

*para a evolução da humanidade*

*É a forma que em mim tornou o misticismo da nossa  
Raça<sup>13</sup>.*

A frase “Navegar é preciso” é mesmo de marujo. Pode ser que o eu poético tenha se lançado a um mar verdadeiro para se conhecer ou pode estar empregando o sentido figurado. A viagem dele pode ser que tenha sido real ou imaginária. Quantos de nós não viajamos em sonho ou de olhos bem abertos para outros espaços?!

Além da nossa imaginação ou da nossa mente em estado de vigília, há ainda bens simbólicos que nos levam longe. Livros de romance, poemas, assim como cartas, músicas, pinturas e filmes, programas de rádio e TV que foram se configurando historicamente como meios de viagem no espaço, sem se sair do lugar.

Hoje, temos um novo instrumento que talvez nossos antepassados nem sonhassem: a internet. Como recurso é um novo mar, já que tantas redes se fazem. Nesse curso de graduação, você está usufruindo dessa facilidade e dessa valiosa ferramenta da nossa vida contemporânea, viajando muito sem sair concretamente do lugar<sup>14</sup>.

---

13 Nota: “Navigare necesse; vivere non est necesse” - latim, frase de Pompeu, general romano, 106-48 aC., dita aos marinheiros, amedrontados que se recusavam a viajar durante a guerra, cf. Plutarco, in Vida de Pompeu In <http://pessoa.mdaedalus.com/fernando-pessoa-05.html> acesso em 17 de jan. de 2010.

14 Caso você não conheça o vídeo Internet: Navegar é Preciso. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vFI7zAgrDNO> que fala de viagens à internet. Aproveite a sua próxima incursão por essa rede para apreciar o vídeo.



Por isso, ao considerar que é interessante que você tenha acesso a realidades de Universidades de outros lugares, que não a UFU, (cujo site, presume-se que você o acesse regularmente), instauro minha proposta. Na próxima oportunidade em que estiver diante da tela do computador, encontre 5 sites de Universidades e navegue por eles.

Atente, esse é o último item desse primeiro módulo e, portanto, atividade de base. Minha opção de não enumerar os sites de universidades que eu considero importantes, passa pelo crivo de pouco a pouco tornar “ato” o que “escrevo”. De que serviria ter um discurso de “autonomia” e agir opostamente?

Assim, a seguir, aponto diretrizes - que são margens- para que você possa navegar à vontade.

É interessante que você escolha instituições de diferentes regiões do País, talvez uma delas pudesse ser internacional. Caso o conhecimento de outra língua seja um limitador, escolha entre os sites uma instituição de um país como Portugal, por exemplo, ou de um país hispânico, já que a língua é mais aproximada ao português.

Provavelmente, entre outros links da página principal de cada universidade, você encontrará a tríade pesquisa – ensino – extensão. Em Ensino, veja se consegue encontrar um curso de seu interesse, provavelmente aproximado do de Pedagogia que é o que você cursa.

Nesse link de um curso afim, é interessante perceber o que se encontra disponível. Se apenas as notícias, o modo de ingresso, se há fichas de disciplina, se há informações de evento, nomes de professores, eventos, curiosidades. Se há a modalidade a distância, como na UFU.

Entre as universidades, é bom observar se há aspectos que as aproximam e outros que as distanciam, como, por exemplo, disponibilização de dados digitais em uma biblioteca, ou informações de um projeto de pesquisa<sup>15</sup>. Da organização do próprio site e da maneira como ele comunica com você, internauta.

Um elemento importante que você deve notar durante as viagens pelo site, embora não tenha sido abordada no Módulo, relaciona-se às atividades de Extensão nessas Universidades. Se comparássemos a Universidade com um triângulo, depois da pesquisa e ensino seria a extensão, o terceiro vértice dele.

Ficou curioso (ou curiosa) para conhecer as atividades de Extensão em uma universidade? De conhecer a Biblioteca ou qualquer outro link? Não deixe de passear por esses itens, afinal eles fazem parte da aprendizagem. O importante é que você se familiarize mais com esse campo da Universidade, também chamado de Academia, pois ele vai nos acompanhar durante todo esse PIPE.

Boa viagem!

15 Na UFRGS, por exemplo, há uma disponibilização de um histórico de cartilhas no decorrer do século XX e também da forma de realizar brincadeiras infantis que são fruto de projetos de extensão.





### Unidade 1: Leitura e Análise de Textos



Figura 5 - Globo  
fonte: Wikimedia commons

*Quanto mais ativa é a leitura, melhor*<sup>16</sup>.

#### 2.1. Leituras de livro e de mundo

**A** leitura é uma das formas mais utilizadas de se compartilhar o conhecimento na Universidade, tanto aquele que já foi produzido (ensino), quanto o que está em fase de produção (pesquisa).

Sabemos que a leitura, caso se limitasse a ser simplesmente um ato de decodificação ou de fixação das idéias de um autor, já não seria pouco. O ato de ler não se resume a um ato mecânico diante de um alfabeto. Evidencia várias capacidades humanas presentes em outros atos comunicativos de linguagem também. Esses são complexos e tão elaborados quanto a própria leitura. Assim como a leitura, esses atos prescindem de outras ações tais como simbolizar e abstrair.

A seguir, para refletirmos um pouco mais sobre essa capacidade comunicativa expressa, que não se restringe ao código escrito, veremos uma passagem muito conhecida da autobiografia de Helen Keller, uma menina surda muda e cega que recebia informações sobre a realidade através de um contato tátil motivado pela sua professora Anne Sullivan. É um depoimento belíssimo sobre as lembranças da aquisição da linguagem da pequena Helen.

*Ela me trouxe o chapéu (...) e eu soube que iria sair para o sol bem quente. Foi, pensamento, se é que uma sensação sem palavras pode chamar-se um pensamento, fez que eu pulasse e saltasse de prazer. 'Andamos pelo caminho do poço, atraídas pela fragrância das madressilvas que o cobriam'. Alguém estava tirando água e a professora coloca minha*

<sup>16</sup> ADLER, M e DOREN, C. A arte de ler. Rio de Janeiro: Agir, 1974, p. 18.

*mão debaixo da bica. Quando a corrente fria jorrou sobre minha mão, ela soletrou, na outra, a palavra água, primeiro devagar, depois rapidamente. Fiquei parada, toda a minha atenção fixa no movimento de seus dedos. De repente, senti uma obscura consciência, como de algo esquecido – uma emoção de pensamento que retornava; e, de algum modo, o mistério da linguagem me foi revelado. Soube então que á - g- u – a significava algo maravilhoso e frio que escorria sobre minha mão. Aquela palavra viva despertou-me a alma, deu-lhe luz, esperança, alegria, libertou-a! Ainda existem barreiras, é verdade, mas barreiras que com o tempo poderiam ser removidas.*

*Deixei o poço, ansiosa por aprender. Tudo tinha um nome, e cada nome deu luz a um novo pensamento. Quando voltamos para casa, todo objeto que eu tocava parecia tremer de vida. Isto porque eu via tudo com a estranha e nova visão que me sobreviera.<sup>17</sup>*

Assim, a comunicação pela linguagem é um ato valioso da humanidade. A escrita, estando no rol desse cardápio das linguagens humanas, carrega essa potência de comunicação, e nos permite entrar em sintonia com outros seres, sermos provocados a partir dela ou descobriremos conhecimentos, entre tantos outros prazeres estéticos, como a possibilidade de “viajar” sem sair do lugar, conforme foi mencionado no módulo 1.

Muitos autores, na esteira de Paulo Freire, defenderam e salientaram o quão é desejável uma leitura de mundo, concomitante ou prévia à leitura gráfica como um antídoto a uma concepção equivocada de que a leitura é um ato passivo.

A frase epígrafe é um alerta de Adler que destaco, porque como o ato de ler foi reservado durante muito tempo a algumas camadas sociais, por motivos que se prendiam a questões políticas e manutenção do poder. Diante disso, tornava-se interessante disseminar para as classes menos favorecidas que a leitura era difícil, e que só eleitos intelectualmente poderiam se servir dela.

Muitos de vocês já devem ter experimentado a sensação de desistir da leitura de um livro antes do final e também a de se sentir tão entusiasmado por um livro a ponto de só ficar satisfeito ao encerrar a leitura na última página.

Alguns tipos de leitura ocorrem na vida cotidiana, e outros são mais utilizados na Universidade. A seguir, para situar o ato da leitura, de forma mais generalizada, faço um apanhado com base nos dois primeiros capítulos do livro *A Arte de Ler*<sup>18</sup>. Depois, na seqüência, vamos nos deter em compêndios como o de Lakatos & Marconis e Severino que são autores que se detêm sobre a leitura específica que é feita na Universidade.

17 KELLER, H apud LANGER, Susanne. Filosofia em nova chave. 1ª ed. SP. Ed. Perspectiva, 1971, p.72. A primeira edição *The story of my life* de Hellen Keller data de 1902). Recomendo a todos o filme “O milagre de Anne Sullivan” no qual se conta com detalhes essa belíssima trajetória.

18 ADLER, M e DOREN, C. A arte de ler. Rio de Janeiro, 1974.

Um dos motivos que leva as pessoas a não terem o hábito de ler é a generalização do ato, ou seja, imaginar que a leitura tenha que ser feita sempre da mesma forma. Diferentes livros demandam formas diferenciadas de leitura.



## 2.2. O ato de ler



Figura 6 - José Ferraz de Almeida Jr  
(Brasil, 1850-1899) Moça com livro, 1879, MASP

Uma idéia significativa de Adler, encontrada já no primeiro capítulo, é a distinção que faz entre informação e entendimento. Ao passar os olhos pelas páginas, se não entendemos perfeitamente, provavelmente levaremos a mente a realizar um esforço maior do que normalmente o faz.

*As operações especializadas que fazem com que [o entendimento] aconteça. São os vários atos que constituem a arte de ler. A comunicação entre pessoas díspares deve ser possível, pois do contrário uma não aprenderia com a outra, nem por meio da fala nem por meio da escrita. Neste caso 'aprender' significa entender mais, e não reter na memória mais informação que tem o mesmo grau de inteligibilidade de outras informações que já adquirimos.<sup>19</sup>*

Adler enfatiza que aprender é mais do que se informar. Costumo dizer, em tom de brincadeira, quando estou reunida com os estudantes, que como qualquer outra parte do corpo, o cérebro precisa de “exercício” para não se tornar flácido, e que o ato da leitura reflexiva faz operações dignas de qualquer equipamento sofisticado de ginástica.

Ler implica ir em direção ao que um autor diz e ao que ele tem em mira.<sup>20</sup> “A arte de ler abrange (...) acuidade de observação, memória pronta, amplitude de imaginação e, naturalmente, um intelecto afeito à análise e reflexão. A razão para isso é que ler, nesse sentido, também é descoberta.”<sup>21</sup>

A imagem que Adler utiliza para uma representação do que é o objeto livro é a de “professor” que está ausente. Ou seja, com o livro é como se estivéssemos em um diálogo com os nossos professores e colegas de sala de aula. A diferença é que continuamos a fazer as perguntas, que nós mesmos teremos que responder<sup>22</sup>, a partir da reflexão e da análise.

19 ADLER, obra citada p. 22.

20 ADLER, obra citada p. 24.

21 ADLER, obra citada p. 27.

22 ADLER, obra citada p. 27.

No segundo capítulo, há a apresentação de quatro níveis para a leitura, a saber: elementar inspeccional, analítica e sintópica.

A leitura elementar pergunta ao texto: “o que diz este enunciado?”. Mesmo na língua nata, um leitor pode ter problemas com esse nível e, algumas vezes, tal dificuldade pode estar aliada a alguma carência no aprendizado dos primeiros anos de escolarização, e somente a superação desse nível permite ler de maneira mais ligeira.

A leitura inspeccional é aquela que procura tirar o máximo de um livro, num tempo pré-determinado, geralmente curto. Outro nome pertinente seria o folheio ou a pré-leitura. Com o qual responde-se à pergunta – De que trata o livro? Qual a estrutura do livro?

*(...) as pessoas, inclusive muitos excelentes leitores, não se dão conta do valor da leitura inspeccional. Começam a ler um livro pela página um e vão em frente, sem sequer passar os olhos pelo sumário. Defrontam-se assim com a tarefa de chegar a um conhecimento superficial do livro, ao mesmo tempo, em que estão tentando compreender. Isso aumenta a dificuldade.*<sup>23</sup>

A leitura analítica visa ao entendimento, é minuciosa e a mais completa possível e é feita em tempo ilimitado. Serão muitas as perguntas e dependendo do campo de conhecimento da leitura. Adler rememora uma frase de Francis Bacon que diz: “certos livros devem ser lidos, outros engolidos e uns poucos mastigados e digeridos. Ler um livro analiticamente é mastigá-lo e digeri-lo.”

A leitura sintópica é comparativa. O leitor a partir da leitura de vários livros, não só compara, mas constrói uma análise do assunto que talvez não esteja em nenhum dos livros. É evidente, portanto, que a leitura sintópica é o tipo mais ativo e laborioso de leitura.<sup>24</sup>

Essa é a síntese de apenas um décimo do livro, espero ter aguçado em você, estudante, a vontade de lê-lo e a digeri-lo por sua conta própria, na íntegra, caso tenha a oportunidade. Apenas para dar uma notícia sobre a continuidade desse assunto, o título dos capítulos que vêm na seqüência esmiúça cada um dos primeiros níveis de leitura em capítulos distintos. A primeira parte finaliza com o capítulo: “Como ser um leitor exigente?”.

Na segunda parte, o livro está dividido em seis capítulos, especialmente dedicada ao terceiro nível de leitura: a leitura analítica, nessa parte a autora se detém sobre o como classificar um livro e também na operação de radiografá-lo. Outros itens de destaque são: a assimilação dos termos de um autor e a sua mensagem, e a forma de realizar uma crítica imparcial a um livro. Discute ainda sobre nossa concordância ou não com o autor, e encerra apontando livros que são auxiliares de leitura.

Já na terceira parte, com sete capítulos intitulados “Como Ler”, a autora passeia, pelos seguintes tipos de livros: práticos; ficção; ficção narrativa, peças, poemas; História; Ciência e Matemática; Filosofia e Ciência Social.

23 ADLER, p. 31.

24 ADLER, p. 32.

A quarta parte traz as metas finais da leitura com o papel da Leitura sintópica e também falando sobre o Crescimento Mental. Há ainda dois apêndices, uma lista de livros que são recomendados, exercícios e testes para o desenvolvimento de habilidades nos quatro níveis de leitura.

### 2.3. Leitura na Universidade

Claro que a tipologia de Adler é uma das possíveis para a leitura, servindo de base também para a leitura que se faz na Universidade. Porém, para que você perceba que há similaridades entre os autores, mesmo quando eles se utilizam de nomes distintos para conceber o tipo de leitura, vamos transitar na abordagem de Lakatos & Marconi.<sup>25</sup>

Essas autoras tratam mais especificamente do tipo de texto veiculado na Universidade – o texto científico, que teremos oportunidade de discutir no decorrer desse PIPE 2.

A leitura preliminar é chamada por elas de *scanning*. É aquela operação de percorrer o livro a partir do índice, sumário ou outros vestígios para encontrar determinadas frases ou palavras chaves, ou seja, para verificar se realmente o livro poderá trazer alguma contribuição para aquilo que se está buscando com a sua leitura.

Essa operação é muito importante, porque nos dias atuais, há uma proliferação de livros e seria inviável ler tudo o que é publicado sobre determinado assunto. É claro que enganos podem ocorrer nessa primeira abordagem e, justamente por isso, é preciso estar atento, pois com a expansão do mercado de livros, tais produtos estão cada vez mais atrativos em sua aparência e os títulos mais apelativos. Infelizmente, nem sempre essa forma tão convidativa preenche as expectativas do leitor por meio do conteúdo do livro.

No *skimming*, operação seguinte, o leitor parte de ocasionais títulos, subtítulos ou ilustrações para eventuais parágrafos que lhe permitam encontrar a metodologia e a essência do trabalho. É utilizada não só para se verificar o interesse pelo livro, mas também para que se possa aproveitar melhor a leitura por meio do conhecimento prévio do assunto.

O terceiro nível em Lakatos & Marconi é o de *significado*, ou seja, em que se lê o texto por inteiro sem se deter nos aspectos secundários para se ter uma noção do todo. A partir daí, é que se começa o estudo, ou seja, faz-se a releitura utilizando-se de referências, de dicionários, marcando e sublinhando as passagens mais interessantes. A partir do conhecimento do todo, faz-se necessário compreender as passagens de maneira mais particularizada, como um desdobramento.

Finalmente, a leitura *crítica* que pressupõe uma formação de ponto de vista diante do texto lido, levando-se em consideração o conhecimento prévio do próprio leitor, buscando a argumentação e a atualização do texto<sup>26</sup>.

Assim, o caminho proposto pelas autoras é a percepção de níveis da

25 LAKATOS, E. M e MARCONI, M.A. Fundamentos da metodologia científica São Paulo: Atlas, 1994.

26 LAKATOS, E. M e MARCONI, Fundamentos da Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 1994, p. 21.

leitura para que se chegue a leituras mais refinadas e elaboradas: o reconhecimento prévio (leitura rápida); a sondagem ou pré-leitura (examina capa, orelhas, introdução, bibliografia, notas de rodapé, etc.); seletiva (detém-se nos elementos essenciais a partir do objetivo da leitura); reflexiva (identifica posicionamentos do autor); crítica (sabe discernir idéias principais e secundárias e, a partir, daí é possível o próprio leitor se posicionar); interpretativa (em que se relacionam as afirmações do autor com posicionamentos do leitor e finalmente, a explicativa que tem o intuito de verificar a fundamentação do autor, muito utilizada em monografias e teses.<sup>27</sup>

#### 2.4. A análise de um texto

**A**o ler, estamos decompondo um texto, reconstruindo um caminho proposto pelo autor; por isso, como numa moeda, a análise é vista como outra face e não, como algo separado ou dicotômico. Ler pressupõe decompor, portanto, analisar.

A decomposição permite demonstrar os elementos, relações e a estrutura do texto, bem como a sua organização para que se chegue a uma compreensão apurada. Tanto para Lakatos & Marconi, quanto para Severino<sup>28</sup> a análise de um texto, utilizada como atividade de estudo, é proposta nos seguintes termos:

- *análise textual* – Leitura corrida, sem buscar esgotar toda a compreensão do texto. Explicações prévias sobre o autor, sobre o vocabulário ou outros elementos específicos que são considerados fundamentais para a compreensão, também são utilizados.
- *análise temática* – a partir das várias idéias encontradas no texto, o leitor vai “ouvir o autor, apreender, sem intervir”<sup>29</sup> ainda em suas idéias. Esse tipo de leitura permite-lhe chegar a um resumo ou síntese do texto.
- *análise interpretativa* – a partir do próprio texto pode-se verificar a coerência, a validade dos argumentos, profundidade, originalidade, ou seja, é possível ir às entrelinhas ou àquilo que não está explícito. É a operação de desvelar o que o autor não deixou na superfície. É possível ainda cotejar as idéias próprias do leitor, associando-as com as expressas pelo autor, propondo-lhe um diálogo, ou uma conversa.
- *problematização* – as questões suscitadas direta ou indiretamente pelo texto que vêm à tona. O que “provocou” o autor? Nessa fase, é possível associar as idéias do texto, pautando-se em outras referências que podem ajudar na compreensão da argumentação do autor.
- *conclusão ou síntese pessoal* – trata-se de uma reelaboração das idéias do texto a partir de um posicionamento crítico e pessoal<sup>30</sup>

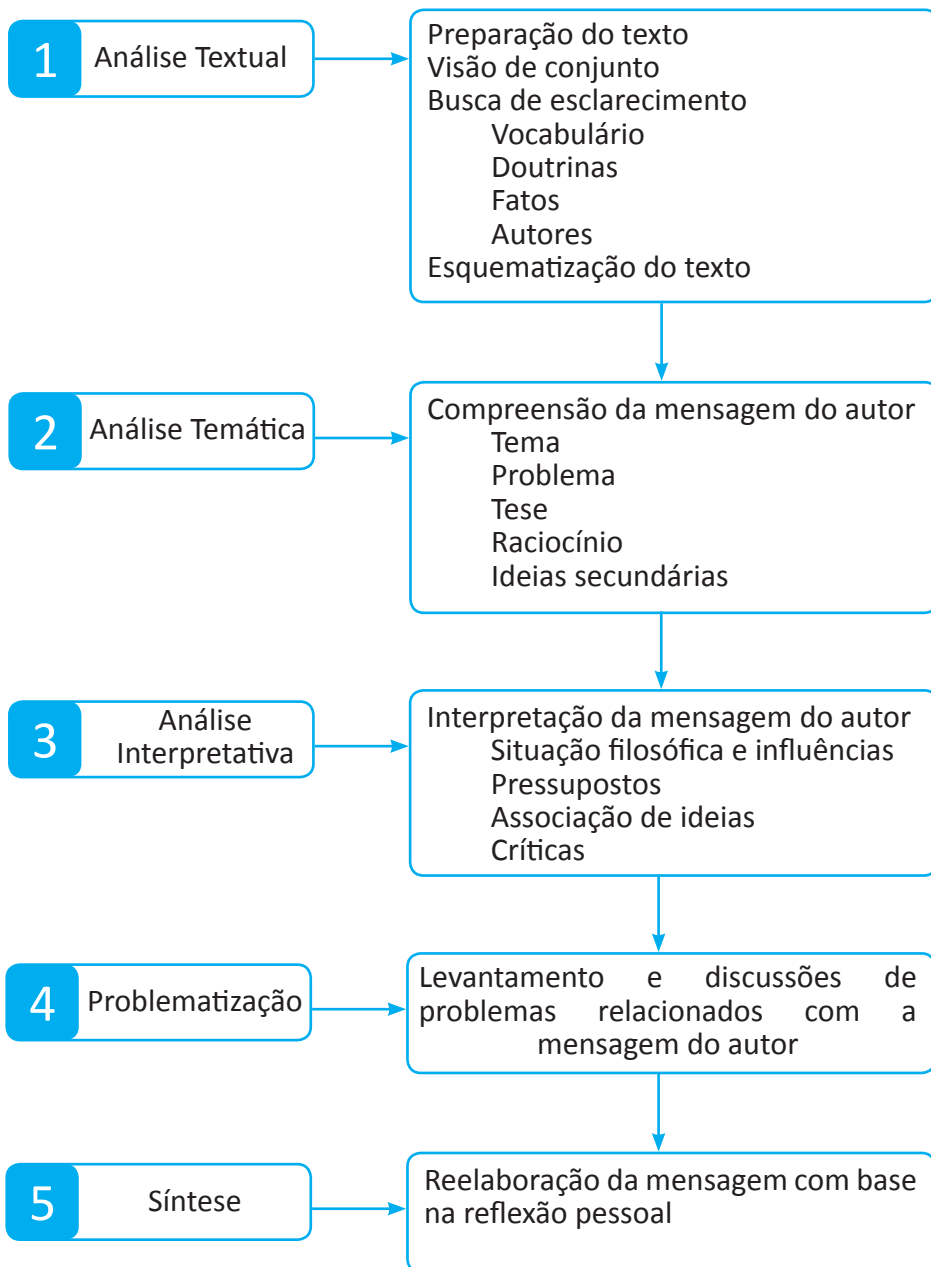
27 LAKATOS & MARCONI, obra citada 22 e 23.

28 SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Editora Cortez, 1992. pp. 47 a 55 e 2007, p. 54 a 62.

29 SEVERINO, obra citada p. 49.

30 LAKATOS & MARCONI, obra citada p.31 e 32 e SEVERINO p. 43 a 57.

A seguir, um Esquema de Leitura Analítica extraído de *Metodologia do trabalho científico* de Antônio Joaquim Severino <sup>31</sup> retomando-se todas as fases de Análise. A meu ver, o livro de Severino, assim como *Fundamentos de Metodologia Científica* de Lakatos & Marconi são obras de referência importantes na biblioteca de um estudante universitário, para que estejam sempre e facilmente disponíveis para consulta.



31 SEVERINO, A.J. obra citada. p. 64

## 2.5. CONVITE À VIAGEM: LEITURAS EM BANCOS DIGITAIS

Dando seqüência à proposta de conhecer outros espaços que considero fundamentais ao tema de cada módulo, quero lembrar sites que contribuem para a leitura de forma digital.

No PIPE 1, foi possível disponibilizar on-line o livro de Paulo Freire no site

*<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>*

Nesse acervo, encontramos não só obras de educação ou de literatura, mas também vídeos e músicas. Além desse site, há muitos outros que têm possibilitado o acesso ao conhecimento de maneira geral e ao de natureza acadêmica. Nesse módulo, compondo o conteúdo do tema “leitura”, a “navegação” poderá ser feita pelos seguintes sites:

*<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br>  
[www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br)  
<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>*

No primeiro, você encontrará uma coleção digital vinculada à PUC do Rio com periódicos, livros e links culturais que são uma associação exemplar para que você comece a pensar na relação entre biblioteca e Universidade. Afinal, como dizem alguns autores, a biblioteca é uma espécie de pulmão desse espaço.

Na viagem que foi proposta no módulo anterior, talvez você tenha tido contato com um único departamento ou unidade das Universidades que escolheu. Agora fazemos o caminho oposto. No segundo site mencionado, você encontrará mais especificamente dissertações e teses (o que foi produzido nas pesquisas de pós-graduação) da Universidade de São Paulo (USP) independentemente do instituto ou do departamento.

Tais estudos podem ser importantes para a sua atualização como estudante de graduação em algum tema que lhe interesse mais de perto. É também o que pode encontrar no terceiro site, que estando vinculado como um serviço da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) permite que você tenha acesso a resumos de teses defendidas a partir de 1987 em qualquer instituição.

Vou exemplificar com o meu tema de estudo atual. Estou investigando a problemática de uma escola de teatro situada na cidade de Santo André (SP). Para a redação do projeto, foi necessário, entre outros levantamentos, conhecer o que já foi produzido sobre esse assunto.

Preenchendo a busca comum por palavras “escola de teatro” encontrei no banco de tese aproximadamente trezentos títulos. Lendo os resumos, fiz uma seleção dos trabalhos que me interessavam mais de perto para a leitura na íntegra.

Em alguns casos, as teses ou dissertações já estavam disponíveis na rede pela biblioteca da instituição onde a defesa foi feita, mas o acesso a um banco de dados reunido facilitou-me a localização, pois, caso contrário, eu teria que ter navegado por todas as bibliotecas de universidades brasileiras para encontrar tais trabalhos.

Também foi possível chegar a alguns trabalhos que não estavam na rede, pois ciente do nome do autor pelo resumo do banco, tive a possibilidade ir ao curriculum lattes, verificar a existência de e-mail para contato com o pesquisador, para solicitar-lhe a tese ou a dissertação.

Assim, é importante que você vá “garimpando” os seus interesses, pegando o “leme” e indo além do que foi sugerido. É assim que você vai direcionando as suas viagens pelas leituras que mais lhe interessam. Sejam aqueles publicados por editores, em papel físico ou aqueles que se materializam pela rede mundial.

Que suas leituras sejam cada vez mais ativas e reveladoras, como a sensação de Hellen Keller diante da água!





### Unidade 2: Instrumentos de Estudo

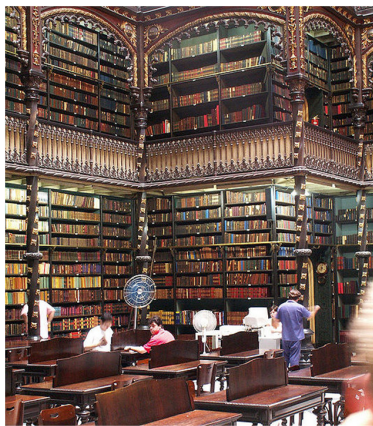


Figura 7 - Interior do Real Gabinete Português de Leitura in Rio de Janeiro, Brasil – uwephilly,

Vimos no módulo anterior, que a leitura é o ponto de partida fundamental nessa viagem rumo ao conhecimento. Mas não se trata de uma leitura qualquer. Trata-se de uma leitura de estudo, ativa e que, portanto, será ainda mais produtiva se não se encerrar nela mesma.

Além dela é necessário desenvolver o hábito de registrá-la, assim como as reflexões provenientes dela, pois, nesse caso, o estudante pode acessar os dados, ao invés de ter que voltar ao livro para relê-lo a cada vez que necessitar.

Claro que há muitas formas de estudar “um livro ou texto” e que cada um, no decorrer de seu caminho, vai percebendo o que lhe dá maior rendimento.

*O estudante tem de se convencer de que sua aprendizagem é uma tarefa eminentemente pessoal; tem de se transformar num estudioso que encontra no ensino escolar não um ponto de chegada, mas um limiar a partir do qual constitui toda uma atividade de estudo e de pesquisa, que lhe proporciona instrumentos de trabalho criativo em sua área. É inútil retorquir que isto já é óbvio para qualquer estudante. De fato, nunca se agregou tanto como hoje a importância da criatividade nos vários momentos da vida escolar. Mas o fato é que os hábitos correspondentes não foram instaurados e, na prática de ensino, os resultados continuam insatisfatórios.<sup>32</sup>*



Os textos produzidos na Universidade se diferenciam dos outros tipos de textos?

A Universidade revela alguma função a partir dessa produção?

Estas são questões que fazem parte do fórum desta semana no AVA (atividade 13). Fique atento!

32 SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.



Leu e não resumiu, ou não fez um esquema das idéias principais? É como começar a nadar, mas não chegar à outra margem, ficando à mercê de um barco “salva vidas.”

Concordo com Severino de que ler os melhores livros, assistir às melhores conferências, aulas e participar dos melhores congressos ou seminários não são garantia de um bom aprendizado. Se não houver, por parte do estudante, uma sistematização desse conteúdo como fichas, resumos, esquemas, de maneira espontânea e não dependente da cobrança do professor, há o risco enorme de todo esse conteúdo ficar submerso num quatinho da memória, sem a chave para as possíveis consultas.

Severino atribui a falta de autonomia do estudante a um “certo didatismo” por parte dos professores. Apesar de haver muitos aspectos envolvidos nessa prática de “dar o peixe”, ao invés de “ensinar a pescar”, há uma parte que toca a cada um de nós nessa descaracterização da atividade de aprender, principalmente quando ela fica resumida às condições de “tirar nota” ou de obter “o diploma”.

Atividades como fichas de leitura e outras ferramentas (também as de ambiente virtual como fóruns, diários de bordo entre outros) são fundamentais, mas, quando não se tornam reféns de meras “tarefas” ou “deveres de casa”.

Embora aqui não seja o espaço para a discussão mais apurada sobre a avaliação, vale lembrar, de que esta também é uma das estratégias historicamente construídas para sinalizar a trajetória que está sendo feita, para que os ajustes possam ser feitos. A avaliação que se torna objetivo em si mesmo, pode indicar um “perder o prumo.”

A consciência individual de fazer bom uso das ferramentas de estudo é mais importante do que qualquer número. É nessa direção que esse módulo pretende contribuir. Ainda mais no tempo presente, em que as informações afloram numa velocidade assustadora, faz-se imprescindível a preocupação em selecionar aquilo que é relevante para si mesmo enquanto ser pensante.

A seguir, apresento alguns desses instrumentos que se tornaram recorrentes na vida de um estudante, particularmente o universitário, e que estão veiculados em inúmeras publicações do gênero “metodologia científica.” Tais ferramentas podem auxiliar no exercício de tirar melhor proveito do estudo.

### 3.1. Resumo e Esquema

**A**o realizar um resumo ou esquema, sem necessariamente utilizar as mesmas palavras do autor, o estudante procede a duas diferentes formas para demonstrar a absorção dos conteúdos e significados fundamentais do texto: uma por imagem e outra pelo encadeamento lógico.

O esquema pode se apresentar sob a forma de desenho, de setas, de enumerações, mas sem perder de vista que deve materializar “a hierarquia das palavras, frases e parágrafos-chave para evidenciar o raciocínio desenvolvido”<sup>33</sup>. Já o resumo, utilizando-se do próprio encadeamento da linguagem escrita, também vai “condensando as

33 LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1994. p. 25.

idéias de modo a expor o assunto.”<sup>34</sup>

O resumo pode ser indicativo ou descritivo quando faz referência aos elementos mais importantes do texto; informativo ou analítico, trazendo os objetivos e o assunto, os métodos e as técnicas e os resultados e a conclusão. Há ainda o resumo crítico, em que o autor não se utiliza de citações e se posiciona diante do trabalho.

O importante é ter em conta que as perguntas não calam. Nessas duas formas de estudo são: de que trata este texto? O que pretende demonstrar?

No módulo anterior, fiz um resumo descritivo dos dois primeiros capítulos de Adler. Releia todo texto do item **2.2. O ato de ler do módulo II deste Guia**. Observe neste meu exemplo que a citação direta foi utilizada quando menciono as mesmas palavras do autor no texto (com aspas, ou parágrafo recuado com formatação distinta numa citação maior).

Quando a referência é indireta, ou seja, quando escrevo com as minhas próprias palavras, faço a menção na nota de rodapé, para que o leitor possa buscar e saber de onde vem aquela enunciação e que ela não é uma formulação original do meu discurso, por mais que eu utilize as minhas palavras.

Há também um exemplo de esquema do mesmo texto que pode ser encontrado, no site

*<http://www.scribd.com/doc/13297800/Slides-sobre-a-obra-A-ARTE-DE-LER-de-Mortimer-J-Adler>*

A ferramenta do “power point” tem facilitado muito o investimento dos estudantes no exercício da elaboração de esquemas.

### 3.2. Fichamento

O fichamento é um instrumento valioso para a anotação de idéias de um livro ou de um texto mais complexo. É possível ir mais longe do alcance de um esquema ou resumo. O ideal é que seja feito espontaneamente por um estudante, consciente da necessidade de desenvolver hábitos de estudo, de pesquisa e de produção de conhecimento e; não, como uma simples execução de uma tarefa escolar, solicitada por um terceiro, como um professor.

São inúmeras as maneiras de fichar um livro como forma de estudo. Umberto Eco<sup>35</sup> diz de maneira irônica (o que lhe é peculiar) “depende muito da memória de cada um, pois há indivíduos que precisam escrever tudo e outros que não carecem senão de apontamentos”<sup>36</sup>

Apesar do exagero de Umberto Eco, é pertinente a sua enunciação, pois atenta para as próprias individualidades. Ainda que trinta pessoas façam o fichamento de um mesmo livro, as informações serão diferenciadas. Por isso, é inócua e engodo a si próprio consultar o

34 LAKATOS & MARCONI, idem.

35 ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 96.

36 ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 96.

fichamento feito por outrem, antes de ter feito o seu. Não só “uma resposta” está ali, mas também explicita a maneira de se chegar a um resultado. E principalmente, algo que anula o prazer de encontrar o caminho próprio.

### 3.2.2. Formas de fichamento

**C**onsidero que você não deva ficar muito preocupado ainda com a forma de seus fichamentos. O importante é que você os faça a partir das suas necessidades momentâneas de estudo.

Ainda que o resultado não chegue a um formato único, como os apontados a seguir, é interessante manter contato com as classificações que já foram feitas por alguns autores, como possível norte a ajustes que você considere interessantes.

Entre as classificações usuais para os fichamentos para fins acadêmicos, tem-se difundido os seguintes tipos: bibliográfico; de citações; de resumo ou de conteúdo; de esboço; comentário ou analítico.

O fichamento bibliográfico permite identificar o campo de saber do texto, os problemas significativos tratados, as conclusões alcançadas, as contribuições específicas do trabalho, as fontes dos dados e a metodologia presente.

A ficha de citações permite que se volte a elas para a utilização de textos que são considerados fundamentais, diferentemente da ficha de resumo ou de conteúdo em que as idéias do autor aparecem com as palavras do leitor.

A ficha de esboço é semelhante à ficha bibliográfica ou de citação, mas detalha um pouco mais as idéias e abre espaço para a utilização tanto de citações diretas, quanto indiretas.

Finalmente, um fichamento mais elaborado de comentário ou analítico apresenta considerações com relação ao aspecto metodológico, uma análise crítica do conteúdo, a interpretação de alguma passagem de mais difícil apreensão. Há ainda o cotejamento ou paralelo com outras obras sobre o mesmo tema.<sup>37</sup>

É claro que a forma escolhida por um estudioso ou pesquisador vai depender muito de seus objetivos. Se a pessoa está lendo determinado texto sobre um tema que será utilizado em sua dissertação de mestrado, talvez considere mais interessante utilizar a citação direta em seu fichamento, pois durante a redação de seu trabalho, ela terá oportunidade de refazer o discurso com as suas palavras.

Se sua ficha já trouxer a enunciação com suas próprias palavras e você sentir necessidade das palavras tais como o autor disse, sua ficha poderá ser ou não viável. Você terá tempo de voltar ao livro? Tal ação não vai tirá-lhe do “fluxo” da sua escrita? É um livro que está disponível em sua biblioteca particular? Ou está em Xerox e difícil de localizar?

---

37 LAKATOS, & MARCONI, Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1994. p. 58 e 59.

### 3.3. Plano de Estudos

Um plano é um projeto com um objetivo pré-determinado. Umberto Eco traz uma analogia bastante fértil para o entendimento. É quando não se caminha a esmo, sabendo-se aonde se quer chegar. É como alguém que fosse viajar mil quilômetros com uma semana inteira para usufruir. A maior parte das pessoas não sairia de casa sem ter um rumo ou um roteiro para seguir, ainda que no decorrer, se dispusesse a mudar de rota. Para modificar um roteiro é necessário primeiro ter algum esboço.<sup>38</sup>

Um plano é exatamente esse planejamento, é uma fase que antecede a execução. É um roteiro que pode estar sempre à mão para que as alterações necessárias possam se fazer. O plano definitivo só será estabelecido ao final do percurso, seja um plano de estudos ou para uma pesquisa a ser feita durante uma semana, um mês ou um semestre.

### 3.4. Seminários

O seminário é uma técnica de estudo que pressupõe pesquisa e debate. Pressupõe não só organização para motivar a reflexão e a participação ativa, preparando o estudante para o hábito do trabalho científico, considerado discussão intelectual.

Pode ser feito individualmente ou em grupo. Ainda que feito por uma só pessoa, é importante a participação de todos, num segundo momento, após a apresentação do estudo feito. Esse cuidado é muito importante, pois os seminários têm sido utilizados no sistema escolar brasileiro, de uma maneira bastante empobrecedora, tendo sua prática sido reduzida, muitas vezes, “a uma aula expositiva apresentada por um colega e comentada pelo professor”<sup>39</sup>.

O Seminário pode ser muito mais produtivo, configurando-se em um “círculo de debates para o qual todos devem estar suficientemente equipados. Por isso é necessário que todos os participantes estudem o texto com o rigor devido.”<sup>40</sup>

Assim, o seminário é uma atividade complexa que prevê etapas e papéis para a sua realização. Um coordenador, por exemplo, o professor faz a proposta de um determinado tema, indicando a bibliografia de base e formando os grupos e componentes, se for o caso. Distingue aquilo que será lido por todos e os itens de aprofundamento de um grupo, ou de cada pessoa responsável pelo tema<sup>41</sup>.

Quando em grupo, esse se reúne em várias sessões para a divisão de tarefas, pesquisa das fontes e para integração das leituras que foram feitas separadamente. Depois dessa fase, é possível a criação de “um texto-roteiro” para que todos o sigam durante a apresentação. Severino distingue três tipos de textos-roteiro, didático, interpretativo e de questões.

38 ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 81.

39 SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007, p. 65.

40 SEVERINO, A. obra citada, p. 65.

41 Claro que existem grupos de estudo mais autônomos com formas mais avançadas de organização e que não precisam de um “líder” como um professor. Tal processo poderia acontecer de uma maneira mais democrática, mas infelizmente essa não é a realidade do sistema de ensino brasileiro.

O texto de roteiro didático é aquele que se apresenta a temática, com breve visão geral do autor, do contexto e esquema geral do texto para situar os presentes para o debate posterior. Os textos complementares, que são acessados pelo grupo, são apresentados para a compreensão de todos. Segue-se uma problematização para a participação argumentativa dos presentes e finalmente, há o fornecimento da bibliografia mais aprofundada sobre o assunto.

O segundo tipo de texto é o texto interpretativo em que o “expositor expõe globalmente sua compreensão, precisando os conceitos, apresentando sua interpretação apontando suas críticas, formulando os problemas que encontrou durante a leitura básica e as leituras complementares”<sup>42</sup>.

Percebe-se aí que há um aprofundamento maior de quem expõe, pois para ir além de uma afirmação mais genérica, é necessária uma maior apropriação e, portanto, maior investimento no estudo. É como uma conversa em pé de igualdade de quem expõe, tanto com o tema quanto com os autores acessados, sem ficar escravo deles.

O terceiro tipo de texto roteiro é aquele que aparece por meio de questões e pode ser um desdobramento do que foi abordado nos outros tipos de texto. Após o momento de apresentação, há a possibilidade de todos conversarem também com os autores, porque o grupo elaborou uma série de perguntas entregues previamente a todos. A consulta e reflexão prévias permitem que todos cheguem a resultados mais aprofundados.

### 3.5. CONVITE DE VIAGEM : MERGULHO AO ESTUDO



*Figura 8 - Port Bell- Barcelona - Espanha  
Beloní Cacique Braga acervo particular*

**E**ste item é um convite a uma ação, ou seja, um mergulho em um texto, em um autor, por sua própria conta. Se você ainda não faz esquemas, resumos ou fichamentos como desdobramentos de suas leituras, é um bom momento para começar. Se já faz, Parabéns! Talvez seja a hora de começar a dar um passo mais ousado em suas leituras. O convite é para um mergulho: esquematize, resume, esboce. É exercitando-se como estudante que você aumenta o fôlego para partir para outras viagens ainda mais audaciosas, ou seja, para conversar de igual para igual com um livro, com um autor, com um tema! Bom mergulho!

---

42 SEVERINO , A.J. obra citada p. 63.



### Unidade 1: Conhecimento e Conhecimento Científico



Figura 9 - Menina lendo, escultura. Barcelona - Espanha  
Beloní Cacique Braga acervo particular

#### 4.1. Conhecimento e Reflexão

A palavra conhecimento (francês *connaissance*) significa nascer (*naissance*) com. É a capacidade de relacionar-se, “de nascer como ser em relação a”.<sup>43</sup> Não só nascemos no mundo, como também colocamos em relação com ele, transformando-o.

Nessa transformação, nossos antepassados dominaram as intempéries naturais e as transformaram em benefícios, produziram “conhecimento” que traduziam compreensão do mundo.

É na interação com o mundo que vamos percebendo o que é agradável, o que é necessário superar e seguimos. Esse texto não estaria sendo lido, se não tivéssemos conquistado e transformado o mundo a partir da maneira como o encontramos. Enfim, se não fôssemos interessados em ir adiante, provavelmente, ainda estaríamos nas cavernas.

Essa capacidade de transformar o mundo ocorre não só no nível da ação, mas também no nível da *reflexão* que etimologicamente significa a capacidade de dobrar-se de fletir sobre si mesmo para entendermos a nós mesmos e ao que está a nossa volta.<sup>44</sup>

*Esta ação de pensar as coisas com as quais vivemos, dá uma dimensão nova a tudo: a dimensão significativa da compreensão. Enquanto não entram na esfera da compreensão, as coisas do mundo são somente seres existentes e não objetos para o ser humano. Estando*

43 HÜHNE, L.M, Metodologia Científica: caderno de textos e técnicas. São Paulo: Agir, 1990.p.34.

44 LUCKESI, C. Fazer universidade: uma proposta metodológica.São Paulo: Cortez, 2005. p. 49.

*no mundo, submetido “as suas leis, conseguimos, pelo processo de entendimento, desvencilhar-nos dessa submissão, na medida mesmo em que agimos sobre ele, nos distanciamos, transcendendo-o. Pelo ato dialético de entender, entranhado em nossos atos de transformar, as coisas adquirem um modo de ser: não são mais coisas opacas e sim “iluminadas”, conhecidas, entendidas<sup>45</sup>.*

O conhecimento é uma necessidade humana social e histórica. Está presente na vida humana desde os atos mais simples do dia-a-dia às pesquisas mais sofisticadas. Ao adquirir conhecimento, o ser humano se torna mais autônomo e respeitado pelos outros seres humanos, constituindo-se assim também o conhecimento como uma forma de poder.<sup>46</sup> Dialeticamente, o conhecimento é chave para libertação, mas também pode ser utilizado em detrimento à escravidão de outros seres.

O conhecimento não se constitui por uma única espécie. Há vários modos de conhecer que vem servindo de base para que se faça a sua classificação em tipos, de acordo com as várias espécies. Nesse módulo, pretendo focalizar o tipo de conhecimento que historicamente vem sendo legitimado como próprio da universidade: o conhecimento científico.

Para cercá-lo, faz-se necessário diferenciá-lo do que convencionalmente é chamado de “conhecimento do senso comum”. Claro, que há algumas críticas com relação a essa divisão que, muitas vezes, tem trazido sentidos valorativos equivocados. O intuito aqui não é esse, mas simplesmente fazer uma primeira separação sem julgamentos prévios.

Convencionou-se chamar de “conhecimento comum”, àquele que se faz tendo por base uma situação particular e que não consegue suportar uma generalização. É quando se faz uma interpretação a partir de um conhecimento realizado na aparência à primeira vista, como um elemento isolado, sem inter-relações e sem ir além delas.<sup>47</sup>

Há outro conhecimento que vai além da aparência, que vai ao que está oculto, ao que não é mostrado na superfície. Para conhecer esse significado escondido, utilizam-se alguns recursos como forma de organizar a descoberta, para sistematizá-la e tendo em vista tirar o véu do que não se mostra a olho nu.

O conhecimento científico, portanto, não é só um tipo de conhecimento em si, mas a forma como se chega a ele, independentemente da área de conhecimento em questão. Veremos que a instituição Universidade herdou o “método científico” para a realização de suas ações e reflexões.

---

45 LUCKESI, idem p. 49.

46 LUCKESI, C. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 2005. p. 57.

47 LUCKESI, C. obra citada, p. 63.



## 4.2. O advento do conhecimento científico

No mundo antigo, os gregos, para irem além da explicação mítica desenvolveram um arsenal filosófico que buscava compreender a “alma”, ou o que estava além do mundo físico. Tal concepção não teve espaço na Idade Média, pois a igreja Católica, com toda sua autoridade já tinha como explicação – Deus é centro de tudo.

Nesse contexto de resistência a um modo de operar teocentrista, emergem pensadores como Bacon, Locke<sup>48</sup> e Hume<sup>49</sup> propondo “o empirismo” como base para a explicação dos objetos no mundo. O conhecimento para ser aceito prescinde de um processo de indução com observação e experimentação, “em que o válido tinha que ser catalogado, medido, cartografado.”<sup>50</sup>

Por esse processo – chamado de método positivista –

*o sujeito põe o conhecimento a respeito do mundo, mas o faz a partir da experiência que tem da manifestação dos fenômenos. Entende que o mundo é aquilo que ele se mostra fenomenalmente, a apreensão de seus fenômenos sendo feita através da experiência controlada, da qual são eliminadas as interferências qualitativas. Daí a única forma segura de conhecimento ser aquela praticada pela ciência, que dispõe de instrumentos técnicos aptos a superar as limitações subjetivas da percepção.*<sup>51</sup>

A experiência positivista primeiramente equivale à experimentação nas ciências naturais. A contribuição de Descartes com “Penso, logo existo” é fundamental, pois a pesquisa até então, concebida para as “coisas”, passa a ter no “homem” possibilidade de estudo. O homem ainda visto sob a ótica de uma concepção “determinista” e racionalista sujeita às mesmas condições experimentais do mundo físico.

No decorrer do século XX, os pesquisadores chegam à conclusão de que o conhecimento do homem precisa de outros paradigmas para além do positivismo e a partir daí outros sistemas são configurados com métodos apropriados para essa área de conhecimento.

Por ora, destaco o advento da concepção do conhecimento científico que foi absorvido pelo espaço da universidade. Esse conhecimento se diferencia de outros como a Filosofia, a Arte e a Teologia.

É importante não esquecer que o Conhecimento Científico se ocupa dos fenômenos, buscando descrever as ocorrências causais e as explicações lógicas:

---

48 LOCKE (1632-1704) – Sua concepção sobre o entendimento humano é a partir do sentido e da percepção.

49 HUME (1711-1770) – Busca a visão no homem e não nas coisas, como era visto pela Metafísica.

50 LEITE, L. “Da narrativa oral a um processo de construção dramatúrgica – Romaria: uma partilha de experiências humanas. (Mestrado) em Letras, Uberlândia, 2009. p. 22

51 SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, Editora.

A Universidade abriga o método científico, como procedimento eleito para o alcance dos resultados que estão além da realidade. Assim, ela passa a exercer não só o papel de guardiã de uma herança humana, mas também o de produtora desse próprio conhecimento, relacionando-se com o seu tempo. É assim que ela não se acomoda com o que já foi produzido, fazendo jus ao seu papel histórico.

*De um lado, a atividade de produção do conhecimento científico exige a identificação descritiva do objeto do conhecimento. Assim, no âmbito da física, não há como conhecer a estrutura do átomo sem descrevê-la em seus elementos constitutivos. Poder-se-á perguntar – e historicamente se perguntou – como esses elementos se interagem; contudo, de início, importa constatar minuciosamente quais são e como são eles. O segundo momento do processo de produção do conhecimento científico é estabelecer o entendimento das coisas, conseguindo descobrir como elas ocorrem e porque se processam dessa forma. E, então, no caso do exemplo acima, procurar-se-á saber por que tal elemento ou outro possui esta ou aquela reação.<sup>52</sup>*

O conhecimento científico tem por finalidade esclarecer as ocorrências da realidade. Os passos a seguir são o caminho metodológico. O ponto de partida são as perguntas, ter um problema que se queira resolver, pois se já se sabe, não faz sentido perguntar.

A partir delas se levantam suposições, ou seja, levantam-se hipóteses que sejam plausíveis, respostas que seriam possíveis para o problema. A partir daí, é necessário ir atrás de dados que possam validar ou não as hipóteses, sendo dois os caminhos possíveis: observar os fatos in loco como eles ocorreram, ou simular a realidade por meios artificiais de experimentação. Depois da verificação, é necessário observar a constância desses resultados e tentar generalizar a interpretação para explicar as relações que estão para além das aparências.

#### 4.3. Convite à viagem: PARAGEM POR UM PORTO QUESTIONAVELMENTE SEGURO - A LITERATURA



Figura 10 - Viagem entre as Berlengas e Peniche - Hugo Cadavez – agosto 2008

**A** seguir, volto a um convite literário, a exemplo do PIPE 1, pois não pude conter à provocação de Marina Colassanti sobre o olhar obsessivo do “eu poético” que vê além da aparência das coisas.

A literatura, assim como outros bens simbólicos, não se contenta com o senso comum e muito menos com o método “cartesiano” proveniente do conhecimento científico.

52 LUCKESI, C. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 2005. p. 71.

São outros mares e conhecimentos que fogem ao foco de PIPE 2. Fica aqui o alerta para que outras viagens possam vir e para que possamos aprofundar a noção de conhecimento, em outras fatias, igualmente relevantes, como a da Arte.

## **Eu sei, mas não devia**

**Marina Colassanti**

*Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.*

*A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude.*

*A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia*

*A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.*

*A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.*

*A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E, a saber, que cada vez paga mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.*

*A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnortado, lançado na infundável catarata dos produtos.*

*A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.*

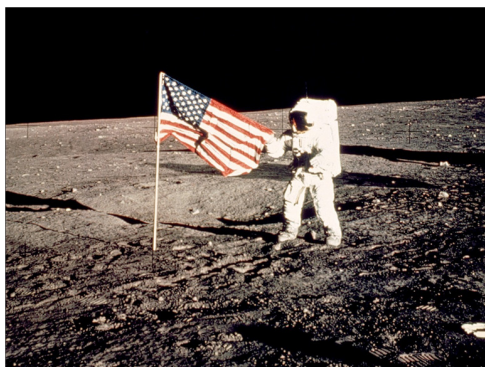
*A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana. E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.*

*A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma.*

### Unidade 2: As Modalidades do Trabalho Científico



*Figura 11 - Céu de Uberlândia.  
José Henrique Braga acervo pessoal*



*Figura 12 - Missão Apolo 11, 1969.*

No decorrer de sua trajetória universitária, os estudantes podem ser chamados a fazer diversas atividades para as disciplinas, inclusive, a utilizar instrumentos de estudo como esquemas, resumos e fichamentos, como uma forma do aproveitamento de um trabalho que já está sendo feito cotidianamente.

Quando tais ocorrências estão presentes, é como legitimar uma prática. Mas, infelizmente, temos duas situações mais comuns - aquilo que poderia ser uma “prática entre cavalheiros” e que, como visto, contribui muito numa trajetória acadêmica, não acontece. Na segunda, lamentavelmente ocorre, mas esvaziada e invertida.

No primeiro caso, o professor, ciente de que o estudante realiza estudos sistemáticos, eventualmente solicita-os, como uma forma de

reconhecimento e para balizar alguma dificuldade do estudante. No segundo caso, o estudante não realiza os seus estudos sistemáticos, e o professor apenas solicita-os, como “uma forma de obrigá-lo” a realizar.

Com exceção ao Seminário, nenhum dos métodos de estudo explicitados até agora é a modalidade prioritária nos estudos universitários. As soluções encontradas para exercícios, como a inclusão de meios digitais ou outros procedimentos que surgem criativamente a partir dos problemas de cada realidade, também são iniciativas localizadas e que, apesar muito bem vindas, não substituem o trabalho considerado de base nesse nível de ensino.

A monografia em sua forma escrita, de acordo com os princípios apresentados pelo método científico, como de conhecimento de excelência na Universidade, é a modalidade prioritária do trabalho no Ensino Superior<sup>53</sup>. Alguns desdobramentos, contudo, como Memorais ou outros formatos, já têm sido aceitos como trabalhos de praxe, de acordo com a área de conhecimento, para a finalização da graduação.

Alguns trabalhos que em sua origem não têm cunho didático em um curso de graduação e são oriundos de um desdobramento para a comunicação e publicação de estudos (como para participação em Congressos, Simpósios, Seminários etc...) têm sido acolhidos nesse nível de ensino.

Arelados com a indissociabilidade entre ensino e pesquisa e, ao mesmo tempo, com uma tendência produtivista que chegou às universidades, tais tipos de textos como resumos, papers, artigos científico estão sendo cada vez mais presentes na graduação e por isso estão postos também no levantamento desse módulo.

## 5.1. Resenhas

**R**esenhas de livros ou capítulos são comentários realizados em revistas especializadas que são bastante oportunos para que os estudantes façam uma triagem do material que devem ler para a elaboração de monografias ou mesmo relatórios. Aos estudantes, como exercício, também pode ser solicitada a produção de uma resenha.

As resenhas podem ser informativas quando se atêm às idéias contidas no texto e críticas quando se posicionam diante do texto em questão, podendo as duas ainda, fundirem-se na forma crítico-informativa.<sup>54</sup>

---

53 Se você fizer uma pesquisa mais apurada, verificará que em muitos lugares do mundo não existem notas, nem provas e nem presença mínima na Universidade. O formato seguido pelo Brasil, muito próximo da escolarização básica, tem que ser contextualizado numa história recente e altamente conturbada pelos regimes ditatoriais e por condições econômicas e culturais.

54 SEVERINO, A.J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2003, p. 204 e 205.



## 5.2. Sinopses e Resumos

Já conhecemos um tipo de resumo ou síntese. Aquele que é uma decomposição das idéias principais do autor, conforme já foi visto nos procedimentos de estudos, compondo as atividades de documentação de um estudante diante dos textos lidos.

Aqui não se trata desse tipo de texto, mas propriamente de uma modalidade proveniente da participação de encontros de pesquisadores e que, como dissemos, tem se agregado, ultimamente às atividades de ensino.

Nesse caso, trata-se da “sinopse”, ou seja, um pequeno texto de apenas algumas linhas (o próprio evento estabelece o limite de caracteres) em que se apresenta a idéia central de uma obra a ser divulgada oralmente ou a ser publicada. Normalmente, esse fragmento antecede o texto na íntegra que foi apresentado pelo autor, tanto nos registros do evento (chamado de anais), como nas publicações em revistas especializadas em determinado assunto.

O resumo, considerado texto acadêmico, tem o mesmo propósito da sinopse, mas pode se deter um pouco mais na apresentação do tema, do problema, da metodologia e dos referenciais utilizados uma vez que pode representar de 10% a 25% do texto integral.

## 5.3. Relatórios e Relatos de experiência

O relatório como seu nome atesta tem a função de “relatar” o desenvolvimento de um trabalho, a partir dos objetivos propostos, apresentando os caminhos trilhados, as atividades feitas e, quando for o caso, os resultados alcançados.

Pode também ser chamada de Relato de Experiência, quando se trata de uma atividade de campo (como estágios, trabalhos de laboratório). É o nome dado também a um texto apresentado em alguns eventos científicos, quando são frutos de uma pesquisa em andamento ou concluída, mas cuja comunicação é relevante para o intercâmbio entre especialistas de uma área.

## 5.4. Artigo científico / comunicação científica / Paper

Artigo científico é um texto integral que versa sobre um único assunto (monográfico) com formato reduzido (entre cinco a dez páginas). Geralmente presente nos Anais - registros gráficos de um evento. Durante o evento, o autor apresenta o texto em forma de “comunicação oral.”

Outra forma usual dos artigos científicos são as publicações em revistas especializadas, tanto para a difusão de resultados de pesquisa, quanto para o debate de problemáticas nas diversas áreas de conhecimento.

Este texto também é chamado de *paper*, quando se apresenta sem subitens.<sup>55</sup>

---

55 SANTOS, A. R. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro :DP&A, 2002, p. 40.

## 5.5. O Ensaio Teórico

São textos mais elaborados e pressupõem uma trajetória acadêmica já consolidada, pois representam o fruto de uma maturação no nível de interpretação e no cotejamento de idéias presentes em diferentes autores. “É o conjunto de impressões de um especialista”.<sup>56</sup>

## 5.6. A MONOGRAFIA

A monografia é um trabalho de pesquisa que aborda um assunto ou um problema único. Etimologicamente monos (= um só) e graphein (= escrever)<sup>57</sup>. Ou seja, a exigência é que seja uma dissertação a respeito de um único assunto, não havendo delimitações com relação à extensão de seu texto.

Os trabalhos de conclusão de curso (TCC) geralmente solicitados ao final de uma graduação, as dissertações de mestrado e as teses de doutorado são todos trabalhos monográficos. Obviamente, as exigências em relação ao trabalho de um graduando são diferenciadas das de um doutorando, mas todos devem ter uma abordagem científica, ou seja, partir de uma temática que foi escolhida, problematizada e sobre a qual um caminho foi planejado (metodologia) para que se possa apresentar os resultados.

## 5.7. Convite à viagem: Para Pensar

**Terminada a última guerra mundial foi encontrada, num campo de concentração nazista, a seguinte mensagem dirigida aos professores:**

“Prezado professor,  
Sou sobrevivente de um campo de concentração.  
Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver.  
Câmaras de gás construídas por engenheiros formados.  
Crianças envenenadas por médicos diplomados.  
Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas.  
Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades.  
Assim, tenho minhas suspeitas sobre a Educação.  
Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos.  
Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis.  
Ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas”.  
As tecnologias são importantes, mas apenas se soubermos utilizá-las.  
E saber utilizá-las não é apenas um problema técnico.



Figura 13 - Carta ao professor

Fonte: <http://ensino.univates.br/~aeprass/v%E9ia.ppt> acesso em 31/01/2010.

56 SANTOS, A. R. Metodologia científica a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 44.

57 INÁCIO FILHO, G. A monografia nos cursos de graduação. Uberlândia: EDUFU, 2003, p. 87.



### Transmissão de Conhecimento



Figura 14 - Pássaro

Fonte: <http://bancoimagenes.isftic.mepsyd.es/>

Fotógrafo: Jorge Martinez Huelves

Quando algo de significativo acontece em nossas vidas, tendemos a querer expressá-lo às outras pessoas. Como diz Luckesi “a criança que aprende a contar, a andar, a brincar, a falar, a beijar e sente necessidade de demonstrar isso a alguém. É como se dissesse: meu mundo hoje se ampliou com novas experiências e preciso comunicar isso que aconteceu”<sup>58</sup>.

*“O recém-doutorado, egresso de uma defesa de tese, busca publicar as conclusões a que chegou na sua árdua tarefa. Seu mundo, igualmente, se ampliou e esta ampliação precisa ser comunicada. O próprio processo universitário e científico exige comunicação: para que uma tese seja realmente conhecida, há necessidade de publicá-la.”<sup>59</sup>*

Trago à tona as palavras de Luckesi e ênfase com a exigência do próprio mundo universitário, porque é preciso refletir, porque se não houvesse essa exigência, poderíamos chegar à acomodação de muitos pesquisadores.

Mas, por outro lado, há inversões que são perversas no mundo acadêmico, principalmente porque a Universidade faz parte do mundo, e a ótica e a lógica produtivista do atual estágio capitalista também estão no meio universitário. Muitos, talvez já tenham tido o infortúnio de assistir àqueles cujos fins têm, muitas vezes, justificado os meios. Como, por exemplo, uma pessoa que quer se apresentar ou publicar a qualquer custo, independentemente do estágio de maturidade do seu trabalho.

É preciso entender que a publicação, a comunicação e a transmissão não servem, a rigor, à vaidade pessoal, pela busca de poder, ou para

58 LUCKESI, L. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez Editora, 2005. p. 164.

59 LUCKESI, idem..



Se no mundo é assim e se a Universidade faz parte do mundo, por que nela haveria de ser diferente?

Todos sabem da importância da comunicação. Não se diz que a alma do negócio é a propaganda? E não houve um apresentador chamado Chacrinha que dizia: “quem não se comunica se trumbica?” No Evangelho, livro que manifesta a cultura de um povo, é possível ler que ninguém vai pegar a luz e escondê-la, pois se assim o fosse não seria vista. Assim também não seria diferente com a difusão do conhecimento científico.

uma pontuação nas agências de fomento. Antes de qualquer coisa, elas representam outra face da moeda do fazer acadêmico.

A linguagem escrita tem sido consagrada para essa transmissão, porque tem tido uma credibilidade ao privilegiar aspectos racionais e lógicos, em comparação a linguagens que se utilizam dos sons, cores, emoções, símbolos e imagens.

Nesse sentido, a escrita presta-se ao que se convencionou chamar de uma comunicação mais objetiva. Ainda, em última instância, atribui-se a ela uma análise que se crê imparcial por parte de quem se proponha a questioná-la.<sup>60</sup>

Nesse processo tem havido uma supervalorização do código escrito em relação aos outros, como se a desejada verdade estivesse colada a ele. Vale lembrar alguns aspectos essenciais da comunicação, advertidos por Luckesi:

*a) o conhecimento é um processo pelo qual cada um de nós se apropria da realidade. Conhecer uma realidade é descobrir o que ela é. A expressão do conhecimento, por conseguinte, deve guardar íntima relação de fidelidade a esta realidade conhecida.*

*b) a palavra como palavra de nada vale senão enquanto tem, no seu bojo, dentro de si, a realidade à qual se chegou através do conhecer. Palavras e palavras, sem suporte de realidade, tornam-se verbalismos, sons vazios que nada fazem além de soar.*

*c) A comunicação é necessidade de algumas qualidades instrumentais como o rigor, a coerência, a logicidade, a clareza. É fundamental, no entanto, que não se perca de vista que estas são qualidades puramente instrumentais, simples meios para que melhor se comunique a visão de mundo a que se chegou através do processo de conhecer<sup>61</sup>.*

Assim, nessa perspectiva de que a comunicação pode ser algo vivo e coerente com a sua realidade, é que se apresenta a escrita de um texto acadêmico, como a monografia.

## 6.1. EM CENA, A MONOGRAFIA

**N**os trabalhos acadêmicos como monografias de final de curso de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado, os temas são escolhidos pelos próprios estudantes, também chamados, nesses casos, de pesquisadores.

O pressuposto é que para investigar algo, é preciso haver interesse. Assim, a escolha de um **tema** é o primeiro passo para se estruturar um trabalho acadêmico desse tipo, pois se um estudante vai se dedicar, durante um semestre, um ano, ou às vezes até quatro anos, àquele trabalho, é importante que ele escolha algo que realmente lhe seja

60 LUCKESI, L. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez Editora, 2005 p. 165.

61 LUCKESI, obra citada p. 165.

caro, que realmente o impulse ou o provoque para que esse tema possa lhe acompanhar durante o período necessário.

Quanto mais esse tema estiver definido ou delimitado melhor, porque vai ajudá-lo no segundo passo que é a **definição dos objetivos**, ou seja, onde se pretende chegar com o percurso que se propôs a fazer.

A partir daí, é possível fazer um levantamento de idéias, como um mapa que possa orientar o caminho a seguir. Depois de anotar as idéias surgidas a partir do tema, é o momento de organizar com os três momentos determinantes de um texto – a introdução, o desenvolvimento a conclusão.

O seguinte quadro sinóptico, a partir de Luckesi<sup>62</sup> pode contribuir para um entendimento das fases de uma pesquisa:

Momentos	Funções	Atividades
1. Decisório ou Identificação Temática	Planejar a pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escolha do assunto</li> <li>- Seleção de um tema</li> <li>- Identificação de um problema ou criação de uma questão referente ao tema definido</li> <li>- Sugestão de possível resposta à questão problema (elaboração de hipótese - enfoque a ser defendido)</li> <li>- Elaboração de plano provisório</li> </ul>
2. Operacional	Executar a pesquisa: Coletar informações estruturar a redação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Seleção da bibliografia</li> <li>- Leitura da documentação</li> <li>- Disposição das fichas de documentação em ordem alfabético-temática</li> <li>- Construção orgânica e inteligente das idéias, segundo o plano provisório, aperfeiçoando-o, se for o caso</li> </ul>
3. Redacional e Comunicativo	Apresentar Resultados da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Redação preliminar</li> <li>- Redação definitiva dos resultados e conclusões.</li> </ul>

62 LUCKESI, L. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez Editora, 2005 p. 175.

## 6.2. REDAÇÃO

Como mencionado anteriormente, o código escrito foi eleito para a transmissão dos conhecimentos acadêmicos, mas diferentemente do que muitos supõem, a escrita não é simplesmente a palavra grafada. Ela tem uma linguagem própria e como tal suas leis e sua própria organização. No caso do trabalho acadêmico:

*(...)impõe-se um estilo sóbrio e preciso, importando mais a clareza do que qualquer outra característica estilística. A terminologia técnica só será usada quando necessária ou em trabalhos especializados, nível em que já tornou terminologia básica. De qualquer modo, é preciso que o leitor entenda o raciocínio e as idéias do autor sem ser impedido por uma linguagem hermética ou esotérica. Igualmente evitem-se as pomposidades pretensiosas; o verbalismo vazio, as fórmulas feitas e linguagem sentimental. O estilo do texto será determinado pela natureza do raciocínio específico às várias áreas do saber em que se situa o trabalho<sup>63</sup>.*

Nos próximos dois itens Normas Técnicas e Apresentação, foram elencados alguns itens para as referências e apresentação gráfica dos trabalhos, os outros, como a indicação de mais de um autor, entre outros que devem ser diretamente consultados no Guia para normatização de trabalhos técnicos científicos publicado pela EDUFU, Editora da UFU, já que é o suporte para a instituição à qual você está vinculado.

## 6.3. NORMAS TÉCNICAS

A apresentação gráfica geral de um projeto de pesquisa compõe-se de elementos que são pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Os elementos pré-textuais são:

- a capa (contendo o nome da instituição, o autor, título e, se houver, subtítulo precedido por dois pontos), local e ano.
- a folha de rosto - constando autoria, título, subtítulo, tipo de projeto, nome da identidade a que deve ser submetido, local e ano de depósito.)
- listas - se houver, de ilustrações, tabelas, abreviaturas, símbolos.
- sumário - enumeração das principais divisões e partes do texto.

Os elementos textuais são

- o núcleo do trabalho com Introdução, Desenvolvimento e Conclusão, devendo informar o tema; o problema ( a indagação motivadora); hipótese (resposta provisória); objetivo (os gerais, indicam de forma mais abrangente o que se pretende conseguir e, os específicos que são aspectos particulares do objetivo geral

---

63 SEVERINO , obra citada p. 79 e 80.

e respondem a pergunta para que se desenvolve a pesquisa); justificativa (responde “ao por que realizar a pesquisa?”); referencial teórico (levantamento do que já foi escrito sobre o tema); metodologia (tipo de pesquisa se é documental, bibliográfica, experimental, pesquisa de campo, etc; procedimentos e as técnicas utilizadas); recursos (orçamento do projeto) e cronograma (tempo necessário para o desenvolvimento de cada fase do projeto).

Os elementos pós-textuais são:

- referências (documentos citados ou consultados)
- apêndice e anexo (opcionais – matéria que ajuda a esclarecer ou comprovar)
- índice (opcional) – pode ser de pessoas, nomes geográficos, acontecimentos.

### 6.3.1. As citações e as referências

**A**s citações são diretas quando apresentam a transcrição textual do autor e são indicadas por aspas duplas. Quando tiverem mais de três linhas estarão recuadas a 4cm da margem esquerda, com linhas separadas por espaço simples e com letra menor que a do texto, sem aspas.

As citações são indiretas quando as idéias são respeitadas, sem transcrever, contudo, as mesmas palavras do autor.

Já as referências são todos os elementos que permitem a identificação de documentos. Numa lista de referências aparecem os documentos citados no trabalho ou os livros, artigos ou outros textos consultados.

A referência pode aparecer no rodapé do trabalho, numa lista ao final ou no início. Quando as referências são apresentadas em nota de rodapé também devem aparecer em uma lista separada, pois a localização na mesma página serve para facilitar a leitura, sem que se precise ficar folheando o trabalho.

Para a **autoria** – indica-se primeiro o sobrenome em maiúscula seguido do prenome e outros sobrenomes, abreviados ou não. Quando há mais de um autor devem ser separados por ponto e vírgula, seguido de um espaço.

Para o **título** utiliza-se uma tipologia diferenciada seja sublinhado, em negrito ou itálico para livros, folhetos ou periódicos. Mas é muito importante não misturar as tipologias em um mesmo trabalho. Já os **subtítulos** não são diferenciados (geralmente vêm depois de dois pontos).

A **edição** é informada após o título e não precisa ser informada quando é a primeira.

**Local** – indicar a cidade de publicação e depois a **editora e a data de publicação**. Finalizar a referência com o **número de páginas ou volumes**.

Alguns exemplos:

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho científico*. 23ª edição. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SILVA, A.M; PINHEIRO, M.S.F.; FRANÇA, M.N. *Guia para normalização de trabalhos científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses*. 5ª edição. Uberlândia, EDUFU, 2009. 135 p.

SILVA, J.A.P. *A cena brasileira em Santo André 30 anos de Teatro Municipal*. Santo André: Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, 2001. 311 p.

### 6.3.2. Notas de rodapé

O objetivo das notas de rodapé é a complementação de informações (observações, comentários, esclarecimentos). Podem ser notas explicativas, ou de referência.

As notas de referência devem indicar a fonte, da primeira vez de maneira completa e depois de forma abreviada com expressões latinas como apud (citações indiretas) ou ibidem ou ibid – (na mesma obra, seguida do número da página quando não for a mesma). Só pode ser utilizada na mesma folha da citação a que se refere citada no texto ou remeter a outras partes da obra que abordam o assunto.

### 6.3.3. A apresentação

Somente a folha de rosto pode ter informações no verso. O formato A4 na cor preta, exceto ilustrações. A margem à esquerda e a superior devem ser de 3cm e a direita e inferior de 2cm.

O espaçamento é de 1,5 no texto corrido com fonte tamanho 12. Citações longas, notas, referências, legendas das ilustrações, tabelas e ficha catalográfica; na folha de rosto o espaço deve ser simples com fonte inferior a 12, e os títulos das subseções são separados por dois espaços 1,5.

### 6.4. Complementação de dados

Reforço que o estudante, deve se apropriar das regras para apresentação dos trabalhos de forma a ir se familiarizando com a formatação.

As informações serão assimiladas no seu próprio exercício de escrita, no decorrer das disciplinas, mas isso me lembra uma história, vamos ao último convite (por agora!!!!)

## 6.5. Convite à viagem: Isso me lembra uma história

*Isso me lembra uma história*

*Dan Yasjomsky*

*Há muito tempo atrás, e muito longe daqui, existiu um contador de histórias. Um só não; muitos. Eles contavam suas histórias junto à lareira, nas cozinhas, em meio a estrada e durante o trabalho. Frequentavam as cortes dos nobres e os lugares onde o povo se reunia. Na Idade Média, os contadores de histórias cruzaram a Europa. Falando de Graal, do rei Arthur, de amor e de traição. Na África, relatavam crônicas e entoavam cantos de louvor que levavam dias para recitar. Na América do Norte, narravam para as pessoas as histórias de suas tribos sobre a criação do mundo, sobre o Corvo e o Coiote, e sobre um tempo em que os animais e os seres humanos conseguiam se entender. Na Grécia antiga, um bardo cego era guiado pela mão até um salão repleto de fazendeiros-guerreiros e tangia uma corda de sua lira clamando "Cante em mim, musa e através de mim narre as lendas ..." Em todas as épocas, viajantes, artesãos, avós e contadores profissionais contaram histórias para seu vizinhos, anfitriões, colegas de trabalho e para as crianças.*

*Houve certa vez uma contadora de histórias cuja arte salvou-lhe a vida. O rei de sua terra enlouquecera e cada noite casava-se com uma donzela só para decapitá-la na manhã seguinte. Finalmente, a contadora de histórias concordou em desposar esse rei maligno. Após consumir-se o matrimônio, a pequenina irmã da contadora apareceu para pedir que ela lhe contasse uma história antes de dormir. O rei naturalmente tinha dificuldades em adormecer à noite e não se opôs a ouvir também a história. Ela começou. Muito estava em jogo: o seu pescoço e a alma do rei. Mil e uma noites depois, Scherazade ainda vivia e o rei se humanizara novamente. E a irmãzinha? Dunyad, diz-se, casou-se com o irmão mais jovem do rei Shahriyar, Shazaman... Mas, essa já é uma outra história.*

*Eu às vezes tento imaginar como o avô ou avó do futuro irão reagir ao eterno pedido dos netos? Me conta uma história? Porém, temo que os avós sejam forçados a dizer: "Uma história? Não me lembro de nenhuma. Mas tenho uma base de dados genial que eu costumava acessar quando tinha a sua idade..." então a criança suspira, e resignadamente liga o programa ao computador.*



*Certamente nada substitui a voz viva do contador de histórias nem a sua inesquecível sabedoria. A imaginação precisa ser despertada e nutrida por uma chama viva e não pré-gravada. As histórias foram feitas para serem passadas adiante, diretamente de boca em boca, pelo coração. Nada pode substituir a experiência de uma história contada ao vivo.*

*Eu soube de uma curiosa história através de meu amigo Roy Evans, filho de índio e branco, e um homem de muitas histórias. Contou-me ele de um antropólogo que trabalhava numa aldeia africana quando lá chegou o primeiro aparelho de televisão. Ele observou que durante duas semanas as pessoas não fizeram nada, exceto olhar para aquela tela luminosa, fascinadas por todos os programas. E então, gradualmente, foram perdendo o interesse e voltaram ao seu costume de ouvirem o já idoso contador de histórias do vilarejo. E o antropólogo quis saber: “Porque vocês pararam de assistir televisão?” Um dos moradores do lugar respondeu que ouvir histórias era mais interessante. Mas, retrucou o cientista, “você não acha que ela conhece mais histórias do que seu velho contador?” “A televisão conhece mais histórias”, disse o aldeão, “mas o contador ME conhece”.*

*As nossas vidas, é claro, estão cheias de televisão e carentes de contadores de histórias. A espécie humana nunca teve tantos dispositivos para preservar a linguagem – da tipografia aos micros processadores. E, no entanto, nunca tivemos tão poucas histórias para passar adiante às nossas crianças, nem tão pouca eloquência para fazê-lo. Em meio à balbúrdia das impressoras, dos vídeos cassetes e dos processadores de textos, percebemos um estranho e incômodo silêncio. Pois junto com essa nossa espantosa capacidade de armazenar informações nós perdemos as nossas histórias. Esquecemos da pergunta mais importante de todas: O que realmente vale a pena ser lembrado?*

*Nós passamos a habitar o que Paulo Freire chama de “cultura do silêncio” e deixamos de dar valor ao nosso poder de nomear o mundo, de comunicar as nossas experiências, de contar a nossa história. Ao buscarmos quantidades cada vez maiores de informação (de preferência armazenadas em micro chips cada vez menores) nós nos esquecemos do tipo de sabedoria e aconselhamento que só as histórias podem transmitir. E perdendo-se isto, desapareceu de nossa vida a qualidade legendária. Nossa vida deixou de ser ordenada e de ter o seu significado dado pelos dilemas, perigos e destinos eternos da história do mundo.*



*Mas o espírito de Scherazade talvez esteja retornando. Há sinais de que a arte de contar histórias vem renascendo, após um sono de séculos. Há sinais de que ela vem voltando ao mundo da infância – lá onde pais, professores e bibliotecários infantis (Deus abençoe os bibliotecários infantis), mantiveram a chama viva.*

*Os contadores de histórias podem ser encontrados disfarçados de comediantes e atores improvisados e em Toronto, há sete anos tem havido um encontro semanal conhecido como As Mil e uma Noites de sexta-feira. Há também, em Toronto, uma escola de contadores de Histórias. Em outras cidades, grupos de contadores de histórias reúnem-se em barzinhos e nas casas de conhecidos. Anciãos das tribos canadenses estão começando a partilhar suas tradições tribais com os outros canadenses, e diversos grupos étnicos e culturais têm revelado um interesse renovado pelas histórias e tradições orais, contadores de histórias do Canadá inteiro estão se reunindo e descobrindo as mais ricas e variadas tradições. Mas isso é só o começo. Nós ainda estamos longe do dia em que os contadores de histórias irão recuperar o seu lugar de honrado âmagô da comunidade. Ainda somos mantidos pela televisão, adormecidos pelos computadores.*

*O que me faz lembrar mais uma história; uma que Platão nos diz foi contada por Sócrates a Fedro em seu legendário meandro. Houve certa vez no Egito, um rei chamado Thanus. Certo dia o deus Theut veio até ele. Theut era o divino inventor, responsável pelo cálculo, a astronomia, a astrologia e até pelo jogo de dados. Mas agora ele acabara de criar a sua mais gloriosa obra. “Contempla meu invento Thanus”, clamou ele. “É um método que aguçará a sua memória”. Chama-se escrita. O que você acha?” Thanus considerou a nova tecnologia por um tempo. Até que finalmente respondeu: “Superestimas a tua própria criação ó Theut. Na realidade. Na realidade ela há de ter um efeito oposto ao que tu pretendes. Se o povo do Egito vier a usar a escrita, terá a sua memória debilitada e não fortalecida. Ninguém mais se recordará das coisas chamando-as de dentro de si mesmos, mas só através de marcas externas. Tu não inventaste uma receita para a memória, apenas uma técnica de lembrete.”*

*Theut acabou ganhando a discussão, é claro, e o mundo inteiro adotou o seu engenhoso método. Mas Thanus tem razão e sua profecia realizou-se. Quanto mais fascinados ficamos coma as “marcas externas” – seja a palavra impressa ou os microcircuitos com informações – menos n os recordaremos das coisas, chamando-as de dentro de nós mesmos.”*

*Eu, como contador de histórias, estou com Thanus. Vejo nos olhos das crianças quando vou contar histórias nas escolas: uma fome profunda de um mundo onde haja maravilha, uma profunda satisfação com a palavra oral não rebuscada e , acima de tudo, um orgulho de possuírem uma história que elas também poderão recordar por si mesmas.*

Publicado no jornal "The Globe and Mail" em 13 de julho de 1985. Dan Yashinsky é um contador de histórias e mora em Toronto.

Termino, com na companhia do contador e buscando pensar nas histórias para contar porque essa porta também se abriu e quem quiser que "ouse" outra!!!

# REFERÊNCIAS

## Módulo 1

INÁCIO FILHO, G. A monografia nos cursos de graduação. Uberlândia: EDUFU, 2003.

LUCESI, C.; BARRETO, E.; COSMA, J.; BAPTISTA, N. Fazer Universidade: Uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

## Módulo 2

ADLER, M J; DOREN, C.V. A arte de ler. Agir: Rio de Janeiro, 1974.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas, 1994.

LANGER, Susanne. Filosofia em nova chave. 1ª ed. SP. Ed. Perspectiva, 1971, p.72

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

## Módulo 3

ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 96.

LAKATOS & MARCONI, Fundamentos de metodologia científica. Atlas: São Paulo: 1994.

SEVERINO, A.J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

## Módulo 4

HÜHNE, L.M, Metodologia Científica: caderno de textos e técnicas. São Paulo: Agir, 1990.p.34.

LEITE, L. “Da narrativa oral a um processo de construção dramatúrgica – Romaria: uma partilha de experiências humanas. (Mestrado) em Letras, Uberlândia, 2009.

LUCKESI, C. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 2005. p. 49.

SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, Editora.

### **Módulo 5**

SANTOS, A. R. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SEVERINO, A.J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2003.

### **Módulo 6**

INÁCIO FILHO, G. A monografia nos cursos de graduação. Uberlândia: EDUFU, 2003.

LUCKESI, C. Fazer universidade: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 2005.

SEVERINO, A.J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, A; PINHEIRO, M.S; FRANÇA, M. Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. Uberlândia: EDUFU, 2009.

### **Figuras**

Banco de Imágenes y sonidos - Gobierno de España:

<http://bancoimagenes.isftic.mepsyd.es/>

Wikimedia Commons

<http://commons.wikimedia.org>

Acervo pessoal de Beloní Cacique Braga

Acervo pessoal de José Henrique Braga